

Letras e Artes



ANO 6.º — N.º 249

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Domingo, 11-5-1952

FUNDADOR: JORGE LACERDA

DIRETOR: ALMEIDA FISCHER

PELA janela aberta, poeira da lua, o luar de janeiro entra com o perfume da madressilva, tecendo sôbre a zona clara recortada no assoalho uma renda movediça feita com a sombra das tôlhas; a folhagem muda a cada momento o capricho do efeito, como um tapete fantástico; por entre a filigrana vegetal palpita a claridade, e há momentos em que o rendilhado se desdobra em sombra e penumbra, duas ramagens incorpóreas se confundem formando no encontro, franjada pelos ramos transparentes, uma copa mais escura.

A ponta do tapete aparece com trama nítida na luz. Mais à diante, a noite da sala, apenas interrompida pelos reflexos no vaso, no vidro de um quadro, na vidraça do armário, muito maior agora.

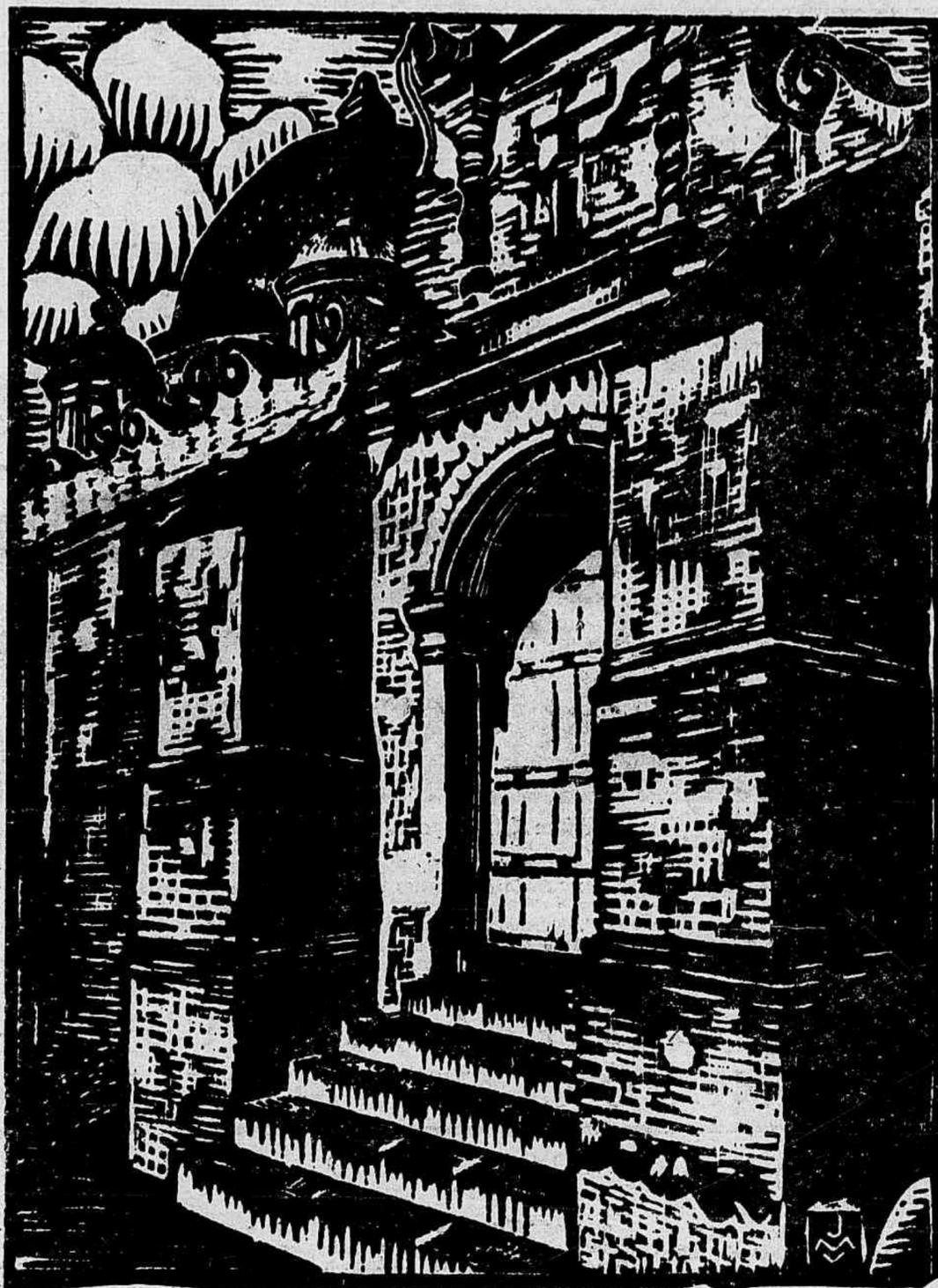
A faixa do luar banha metade do aquário numa água opalina, onde a rosa d'água mergulha as raízes, e brilha, branca, a areia lá no fundo, de momento em momento manchada pela sombra dos peixes fosfóreos, enormes quando nadam na curva do bocal, fogos frios rabanando com escamas de lua, apagando e acendendo.

Noite de verão. Desceu sôbre a casa. Todos dormem. Só o mistério das coisas, emboscado nos recantos, espia pelo olho invisível quando estala a madeira dos móveis. O armário cresce na parede como um vulto severo. Sombras mergulhadas na sombra da sala, avultam.

Vai começar a vida do silêncio. Só o retângulo azul da janela descansa na serenidade enlutarada, lá fora. Aqui dentro, inquieto penumbra, o espanto não dorme.

Vem das flores noturnas amontoadas no vaso um cheiro de pétalas murchas; em volta das corolas esvoaça uma bruxa preta, asas batem nas pétalas, roçam na parede, levantam o vôo na direção da janela.

A concertina dos grilos,



"Igreja colonial" — JOSÉ MEILIA VIDE

DIVERTIMENTO IMPRESSIONISTA

AUGUSTO MEYER.

entrando com a briza, toma no recolhimento interior proporções de algazarra; o canto mais próximo, respondido por todos os lados, marca uma intenção de ritmo claro, teimoso, trilha com muita convicção a alegria cristalina do cri-

cri. As folhas do cinamomo, no retângulo aberto se adelgaçam esfumadas pelo clarão leitoso, e quase transparentes — é fácil adivinhar a transfiguração do jardim através da folhagem. Esta

Formas estranhas se encolhem no canto da sala embuçadas, enquanto a zona do luar avança aos poucos sôbre o tapete. O aquário agora está inundado de luar; cada peixinho é uma língua de prata com faíscas trêmulas. Ao lado, a

concha abre no esmalte uma boca escura, refletida no verniz da mesa.

Rumores lá fora, ariscos, diluídos, pela fresca noturna; de muito longe, na intermitência do ventinho, latido que às vezes parece bem perto, às vezes se afasta para o outro lado e se perde na vaga distância. Silêncio.

Mas de noite, na casa morta, o silêncio acorda. Sombras imprevisíveis povoam o vazio, espiam por baixo dos móveis, arriscam uma exploração prudente pelos corredores, pé ante pé, mexem de leve nos trincos, vate! se escondem quando o assoalho estala.

Um camundongo ensaia a corrida, pára no meio e volta, que susto!

Como a sala está clara... Não só porque o olhar acostumado ficou mais penetrante; o olho da lua cheia reina, redondo e curioso, na moldura da janela; ironia serena estampada no disco, as manchas deixam entrever, mal e mal, uma careta.

Quando passam nuvens, a escuridão engole todo o cenário, parece que alguém se divertiu botando a mão na frente do foco luminoso, para gozar efeitos... Depois, o retorno gradual à mesma perspectiva.

No corredor não se enxerga um palmo; é a boca da treva escancarada no fim da varanda; se não se pode ver nada, prestando atenção, ouve-se o ressonar de alguém que vira cambota no trapézio do sonho e não vê o sonho muito mais esquisito da realidade.

De repente fosforeiam lá no fundão escuro os olhos de um gato.

E o relógio range, vibra, geme: uma! O vento da madrugada apressa o sussurro do cinamomo com bruscos arrepios (duas!), uma folha arrancada entra, gira; cai no mesmo instante da última ressonância da última batida (três!...)

SHAKESPEARE NO MUNDO MODERNO

SERGIO CARDOSO AYRES

O CORRER do tempo pouco afeta as obras realmente sólidas. A *Ilíada* e a *Odisséia*, a grande tragédia grega, o *D. Quixote* preservaram inteiro seu valor. São a superficialidade, o artificialismo que causam a morte rápida das obras. Os trabalhos, porém, cujos alicerces são profundamente assentados em realidades, não envelhecem. Gozam de estranho privilégio de permanência. O *Juízo Final*, de Capela Sixtina, os quadros de Paulo Uccelli, os Rubens da última maneira, são pintura de assimilação imediata para gosto e sensibilidade modernos, como se tivessem sido pintados hoje.

O Shakespeare das tragédias maiores é, provavelmente, o autor que melhor preservou sua atualidade. Foi esse o assunto da interessantíssima conferência que V. E. Blomfield — especialista em questões shakespearianas, psicólogo e representante do British Council — pronunciou na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, em 30 de abril último.

Como frisou o conferencista, desde a morte de Shakespeare, em 1616, cada geração encontrou nas peças desse dramaturgo algo de apaixonante e extremamente atual. E, não raro, considerou-o maior do que seus contemporâneos. Número impressionante de livros de crítica tem sido escrito sobre Shakespeare, tanto na Inglaterra, quanto em outros países europeus. Essa vasta literatura e sua evolução formam, por sua vez, assunto interessante de estudo. Começa com a afirmativa da primeira edição das obras completas, feita alguns anos depois da morte do autor: "Leia e releia sua obra. E se você não gostar dele, não há dúvida de que seu estado é melindroso pois você não o compreende". Passa pelas variadas reações das diversas épocas e termina com as recentíssimas pesquisas dos psicanalistas, especialmente sobre *Hamlet*.

A autoria das peças de Shakespeare tem sido assunto de grandes controvérsias. Foi alegado Shakespeare não ser dono de cultura e capacidade que facultassem produzir sua impressionante obra e haver, em alguns trabalhos, trechos de estilos totalmente diferentes e que lembram determinados poetas da época. Shakespeare foi até considerado analfabeto, no século 19, porque não temos manuscrito dele! Apontaram-se então diversos grandes cérebros como autores prováveis. Bacon e os condes de Derby e de Oxford são os mais frequentemente mencionados. A tendência moderna da crítica, porém, é considerar que o próprio Shakespeare foi o autor das 36 peças, com possível exceção de alguns passos. Nessa grande batalha, V. E. Blomfield, como A. Duff Cooper e muitos, toma o partido da autoria de Shakespeare.

Definiu o conferencista as tragédias de Shakespeare, contrastando-as com a grande tragédia grega, como: projeção, em atos, de personalidades. Plasmanam em ações, em acontecimentos, os caracteres abstratos do homem. Contrariamente ao que costuma acontecer, o interesse no entredo shakespeariano é resultado do interesse nos personagens. O enredo é apenas meio para as personalidades se realizarem; o que é "profissão de fé" de algumas escolas modernas do romance.

V. E. Blomfield fez, a seguir, rápido estudo das tragédias principais de Shakespeare:

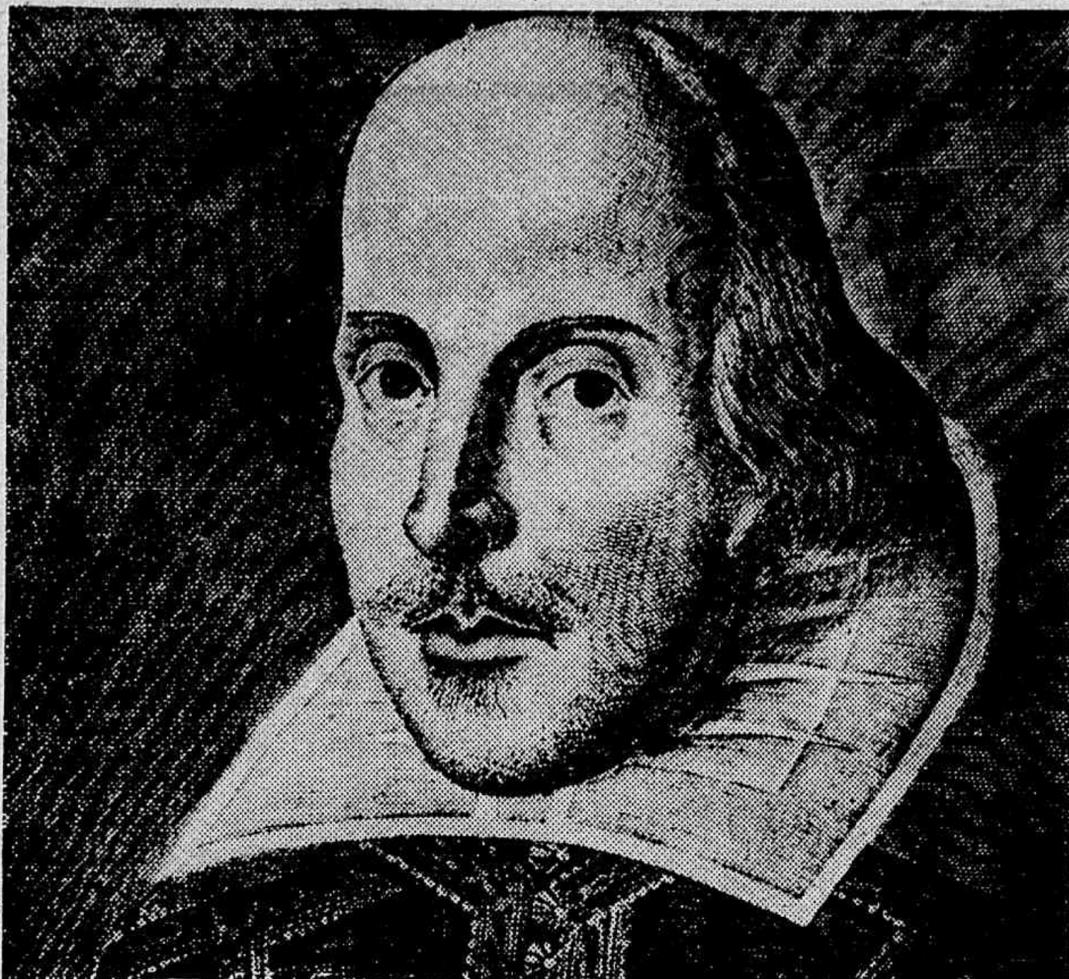
O título moderníssimo de "Morte do Ditador" caberia perfeitamente a *Julio Cesar*. Em vez de terminar com a morte do herói, começa com ela, pois o que interessa o autor não é a dramatização do assassinio, mas o que acontece na mente dos conspiradores, seus motivos e as consequências de seus atos. Os aspectos políticos dessa tragédia são estudados e

deles se tiram argumentos, como se fosse uma "piece à the-se" escrita nos últimos 10 ou 20 anos.

O conferencista examinou

peare". Segundo, porque essa tragédia utiliza um dos mais profundos dramas da alma humana — o complexo de Édipo. Não concordo, contudo, com a

que isto há razões para suas hesitações. Incontestavelmente, o fantasma do rei assassinado revelou-lhe o horrível crime; mas *Hamlet*, indivíduo cons-



William Shakespeare

Hamlet demoradamente. Primeiro, porque acredita essa peça conter a essência da personalidade de Shakespeare. Nisso, está de acordo com Taine que diz: "Hamlet é Shakes-

afirmativa de V. E. Blomfield que: "desde o primeiro ato da peça o dever de Hamlet é claro", devendo ele, sem delongas, matar o tio e padrasto, indigitado assassino de seu pai, e

ciencioso, prudente perante tremenda acusação, não quer ariscar cometer injustiça e precisa de provas mais sólidas do que afirmações dum espectro. Daí a demora, as vacilações.

ANOTAÇÕES PARA UM ESTUDO SOBRE O NOVO CONTO BRASILEIRO

SALDANHA COELHO

E SSE fenômeno tão comum entre nós, de ver-se um jovem poeta sob a maior ou menor influência de poetas modernistas brasileiros, via de regra não ocorre com os nossos contistas. Dêles não se pode dizer, como dos poetas, que são complementos da geração de 22. Em nada lembram Mário de Andrade, Adélino Magalhães ou Alcântara Machado, cuja existência parecem ignorar, tal a dissemelhança de sua linguagem, de sua temática. Uma das constantes que predominam naqueles ficcionistas típicos do Modernismo, no que ele encerre de polêmica, de "eliminatório", seria o uso abusivo da "ersatz" vocabular — com base no pretexto de criar-se "urgentemente" uma língua brasileira — tão ao gosto do mestre de "Belazarte". Esta característica, por exemplo, não é notável no novo conto brasileiro.

Seus cultores não cristalizaram um tipo de conto, com uma fisionomia íntegra, embora estejam procurando uma posição que seria equidistante da literatura ruralista inaugurada por um José de Alencar e do realismo de um Manuel Antônio de Almeida, que mesmo num período de domínio eminentemente romântico, publi-

cava as "Memórias de um Sargento de Milícias", com o qual se tornou precursor, no Brasil, daquela influência que Flaubert infiltrou em toda a Europa, com "Madame Bovary", publicado em 1857, três anos depois, portanto, da aparição das "Memórias de um Sargento de Milícias". Procuram fugir da narrativa monótona e rica demais em folclore, de um Bernardo Guimarães, de um Franklin Távora e de um Alfredo Esdrágnole Taunay, dessa literatura que só veio se aprimorar e ganhar vulto em "Os Seretões", e se libertar da literatura urbana de imediata identificação com o popular. Não se preocupam em revelar tipos locais, não se prendem propriamente à paisagem vegetal e humana de um determinado lugar, não nos revelam em seus trabalhos o regionalismo de um Afonso Arinos, um Monteiro Lobato, um Luiz Jardim, que não é o de "As Confissões do Meu Tio Gonzaga", um Peregrino Junior, ou um Simões Lopes Netto, que fixam nos seus personagens e ambientes, superando qualquer drama íntimo de ressonância mais ampla, o rústico e o indolente do nosso homem do interior, ou que recolhem o típico e o lendário e os figuram com uma simplicidade objetiva, que mantém to-

do o seu sabor e elementar riqueza poética; antes seguem, acrescentando-lhes novas experiências, a linha machadiana, na qual se incluem, também, enriquecidos de outros elementos de expressão e de sensibilidade que trouxe o Modernismo, escritores como Marques Rebelo, Graçiliano Ramos, João Alphonsus, Ribeiro Couto, Anibal Machado e Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Os novos contistas trabalham menos sob a influência daqueles autores regionais que destes últimos, embora dêles muito se afastem para se identificarem realmente com os ficcionistas estrangeiros — sobretudo os ingleses, norte-americanos, alemães e franceses. Trazem em seus contos uma técnica descritiva ou uma "atmosfera" que, quando não revelam um pasticho, sem nenhuma outra significação que talvez a de expressar até que ponto vai uma influência, indicam a presença de uma sintonia que os coloca numa zona comum de sensibilidade, zona em que se agrupam como sendo da mesma família dos Faulkner, das Katherine Mansfield, dos Sartre, dos Kafka, dos Tchekov ou dos Maupassant. Temos então a sordidez, a miséria, a loucu-

(Conclui na 13.ª pág.)

Feita essa ressalva, não resta dúvida de que Shakespeare, com presciência extraordinária, colocou *Hamlet* em típico complexo de Édipo. Acrescentou, à tortura de *Hamlet*, a vaga sensação "de que tinha perdido um rival no amor da mãe — o pai — mas ficara com outro — o tio — que, não só lhe roubara o trono, mas também a mãe". A análise feita nessa base, pelo conferencista, foi eloquente. Essa é, também, a interpretação de Olivier, em seu filme. A atualidade de *Hamlet* explica a atração que o teatrologo e diretor cênico brasileiro do "avant-garde", Silveira Sampaio, sente por essa tragédia.

V. E. Blomfield apontou série de circunstâncias importantes. *Hamlet* foi provavelmente escrita em fim de 1601. Acontece que o pai de Shakespeare faleceu em setembro desse ano. E, nesse mesmo ano, o Earl of Essex, a quem Shakespeare era muito ligado e que, sem dúvida, desempenhava para o poeta o papel psicanalítico do "pai-substituto", foi executado e o Earl of Southampton, protetor do poeta, foi jogado na prisão. Finalmente, estourou mais um drama, nesse fatídico ano de 1601, que deve ter tido grande influência na tempestade mental que se armava no cérebro do poeta e resultaria em *Hamlet*. Shakespeare era amante duma das donzelas da rainha Elizabeth, Mary Fritton, e profundamente enamorado por ela. Mary seria a famosa "Dark Lady" dos sonetos. Um amigo do poeta, porém, o Earl of Pembroke, veio a Londres e também se tornou amante de Mary. Tanto assim, que ela era expulsa da corte em março de 1601, por mau comportamento. A ligação, no inconsciente, dos sentimentos pelos pais e pelo ser amado é conhecida e bem podemos imaginar a violência do traumatismo causado em Shakespeare pela revelação da infidelidade de Mary. O trauma se traduziu no desprezo e na compaixão de *Hamlet* pela mãe e em sua dureza, mitigada de estranha ternura, com *Ofélia*.

Em *Macbeth*, assistimos à derrocada duma grande alma. A rígida, implacável *Lady Macbeth* recalca, de dia, o sentimento de culpa pelo assassinio de Duncan, mas é pouco a pouco desagregada por esse sentimento que volta à tona durante o sono. Com *Otelo*, Shakespeare abordou a atualíssima questão dos preconceitos de raça. "Pois, *Otelo*, excelente homem, mas preto, que fugiu com uma mulher branca, é antagonizado e finalmente destruído pela sociedade, simbolizada por Iago". V. E. Blomfield considera o tema do ciúme como incidental. Aliás, a importância dada ao ciúme é pendor burguês do século 19. O verdadeiro conflito é o do amor de *Desdêmona* e *Otelo* com a sociedade. "Tão grande era seu amor que a morte será mais doce para *Otelo* e *Desdêmona* do que teria sido a vida separados". Com *Otelo*, Shakespeare apresenta o amor como união espiritual de duas almas, não obstante a diferença de nacionalidade, cor e situação social". Um dos temas de base de *Antônio e Cleópatra* é a oposição de Ocidente e Oriente, com corrupção do Oriente pelo Ocidente e do Ocidente pelo Oriente. Drama de que a política internacional dá mostras diárias.

Após 350 anos de análise da obra de Shakespeare, continuamos descobrindo mais coisas. Seu gênio parece tornar-se sempre mais profundo e completo. Os problemas de que tratou são os mesmos que enfrentamos.

A conclusão de V. E. Blomfield, relativa à situação de Shakespeare no nosso tempo, é que: "As condições modernas iluminam a obra de Shakespeare. O dramaturgo, por sua vez, assim iluminado, toma ainda maior importância".

ENTRE os grupos revolucionários em poesia que já fizeram muito barulho sem terem produzido finalmente nada ou quase nada, cumpre não esquecer o do "New Apocalypse", que teve o seu momento culminante em 1942.

Parece ter passado um século e correu apenas uma década! E que rumo levaram os neo-apocalípticos? Surgiram eles para salvar, em certo sentido, o super-realismo de uma crise que o delírio de alguns de seus adeptos tornara difícil. E que é que eles se propunham fazer? Em primeiro lugar, desviarem-se da linha mais frenética do super-realismo e de Auden, que era o poeta mais contagiante da época. Mas, curiosamente, o grupo apareceu a primeira vez, em conjunto, numa antologia: "The New Apocalypse", que trazia, sob os seus "escritos proféticos", um frontispício com desenho de Picasso...

A finalidade de "The New Apocalypse" foi posteriormente explicada numa outra antologia, aparecida em 1943, "New Road", por Derek Stanford e Henry Treece, este, aliás, chefe principal do movimento. Os apocalípticos queriam simplesmente isto: realizar um impulso para a completação. E, neste propósito, nem só viam na arte

um meio de comunicação formal da experiência orgânica, como pretendiam promover o emprego consciente da energia subconsciente... Todo o seu esforço, porém, era realizado no sentido de adaptar o super-realismo à tradição, a fim de incorporá-lo definitivamente à linha romântica da literatura inglesa. Estava-se assim diante de uma verdadeira irrupção do romantismo naquela fase terrível em que o mundo se debatia com a guerra. A filosofia de vida e arte entre esses neo-românticos, dizia Treece, girava toda em torno de uma palavra-chave — orgânico — e sua meta final, do ponto de vista estético, era a implantação de uma "linguagem orgânica" numa sociedade do futuro também orgânica.

Segundo ainda o mesmo exegeta, o apocalíptico significava a apreensão da multiplicidade tanto do mundo interior como do exterior. anárquico, profético, total, com todos os seus paradoxos e contrários. O

EUGENIO GOMES

movimento tinha a sua melhor justificativa na própria guerra, em que todos os seus adeptos estavam participando, porque a guerra representava um fator educativo de valor inestimável, exatamente por ser ela um elemento apocalíptico, "importante em um movimento orgânico com todas as loucuras e a savando-se na direção de uma finalidade de um movimento instintivo". "Na vida e na arte — prosseguia Treece — o movimento apocalíptico deve fugir a seleções facciosas, conservando-se na direção de uma fecunda totalidade como uma nova afirmação de romantismo e de um vasto humanismo". Mas, para que isso acontecesse, era indispensável que a criação estética obedecesse a um impulso real de "necessidade orgânica", com a eliminação de tudo o que seja apenas decorativo e, portanto, inorgânico. Em suma, os audazes reformadores de Apocalipse queriam extrair do caos e da confusão do mundo um sistema que per-

mitisse a sobrevivência da arte, mas de uma arte orgânica, redimida do falso e do ornamental. "We must reconsider our metaphors" (nós devemos reconsiderar as nossas metáforas) recomendava um deles, o poeta John Foster Dodds, e com isso definia o principal objetivo estético do movimento apocalíptico.

Se bem que os apocalípticos ingleses se declarassem todos profetas, D. H. Lawrence é que foi o Allah daquele bizarro movimento. A própria denominação deste procede, a nosso ver, mais diretamente do livro "Apocalypse" de Lawrence, e que foi a sua derradeira mensagem espiritual, do que do Grande Testamento. Tal mensagem, escrita "in-extremis", por assim dizer, traz um apelo que, como se vai ver, não se perdeu, e é a seguinte: "Vamos retornar ao Apocalipse com isto no espírito: o apocalipse é ainda, em seus movimentos, um dos trabalhos da velha civilização pagã, e nele temos, não

o progresso moderno do pensamento progressivo, mas o velho processo pagão da imagem rotativa". Outro pensamento de Lawrence que justifica e teria inspirado Treece e seus companheiros é o caos na poesia. "Toda verdadeira poesia é sutil e sensivelmente caótica", escreveu ele numa introdução.

O sentido político do apocalíptico advinha do influxo imediato de Herbert Read, cujo nome é citado mais de uma vez naquela antologia. Read seduziu os reformadores do momento fazendo-lhes ver que a expressão de Shelley, qualificando os poetas de "Legisladores do Futuro", não é apenas uma simples metáfora, e sim, um vaticínio que se realizará plenamente numa sociedade do futuro em que o artista possa exercer irrestritamente a sua função de legítimo intérprete das aspirações do povo. Não era outra enfim senão a "sociedade natural", de Read, a "sociedade orgânica" com que sonharam os jovens de Apocalipse.

O sonho era soberbo e o movimento causou algum ruído. Mas, onde estão os apocalípticos?

A FACE TRAGICA DA ARTE

DAVID ANTUNES

! V

JUSTINO Martins forneceu-nos apreciável messe de referência à mais impressionante vocação para o crime — Jean Gênet, filho criminal de François Villon, frequentador da Place de la Bastille, refúgio predileto dos delinquentes que se encontram no último grau da baixa moral. Apesar de poeta e romancista de projeção, fadado a universalizar-se, com uma bagagem literária muito expressiva, de que se distinguem três volumes — "Pompes Funebres", romance da ocupação alemã na França, "Notre Dame des Fleurs", novela, "Haute Surveillance", peça de teatro já levada à cena no "Mathurins", de Paris, e "Journal du Voleur", uma espécie de filosofia do crime — e, mais ainda, conquanto economicamente independente, Gênet continua impavidamente a sua longa carreira de gatuno profissional. Ele próprio confessa não existir fora do crime. Mas, dentro do crime, justifica-se: "Não posso fugir ao meu habitat". Como o autor, os personagens desses livros são apenas sub-homens, invertidos sexuais e criminosos. E, como os delinquentes têm pendor especial a determinados tipos de crime, a obra de Jean Gênet mostra, no seu realismo cru, como se processam os delitos de sua preferência: o furto, o roubo e o atentado ao pudor. Nunca matou. "O assassinio não é o meio mais eficaz de atingir o mundo subterrâneo da abjeção". Gosta dos delitos que aviltam: roubo, mendicância, traição, abuso de confiança...

O cartaz, seja de um artista de cinema, seja de um Giuliano, exerce, na imaginação, tanto maior encantamento quanto mais receptividade encontrar em almas propensas a devaneios. No caso Gênet, os seus admiradores não se localizam no mundo dos desclassificados, mas no da elegância, e até entre figuras da envergadura intelectual de Jean Cocteau, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, os quais, não faz muito tempo,

obtiveram do President Aurioi, juntamente com outros escritores, o perdão para Gênet de uma pena de seis anos de prisão por "furto com violência e atentado ao pudor". Goza, pois, o insigne larápio de real admiração nos meios categorizados de Paris. É verdade que se esgueira do bloqueio dessa influência, que lhe poderá ser fatal, preferindo a solidão e a penumbra dos lugares esconsos, onde a sua predestinação encontra clima adequado à própria existência "dentro do crime" e a "justificação" de todos os seus atos de pervertido confesso. E, fugindo ao convívio dos salões mundanos, pela óbvia razão de que teme a polícia, usa de uma evasiva: "Re-

cusou-me a ser olhado como um animal em exposição". Quer ser apenas e simplesmente — um presidiário. "Libertando-me, operam-me da infâmia, acordam-me antes do tempo..."

Louis Wiznitzer assim se pronuncia sobre Gênet: "É um dos nomes de maior relevo da literatura da vanguarda e, de maneira geral, da literatura de post-guerra... Embora não se destinem, naturalmente, a nenhum prêmio literário, os livros de Gênet terão uma acentuada ressonância entre quantos admiram as belas letras, pois se trata de um poeta autêntico, inspirado e original". François Mauriac — e pour cause — investiu contra Jean Gênet repetidamente, conside-

rando "escatológica" a obra do escritor-gatuno, sem poder, entretanto, negar-lhe talento.

"Sei que minha mãe se chamava Gabrielle Gênet, mas não a conheci, assim como ignoro até o nome do meu pai". Aí deve situar-se o vinco original que desfigurou a personalidade do pobre Jean, possibilitando o desenvolvimento de uma tragédia, a que ele é insensível, pela decorrente ausência de capacidade afetiva, o que nem por isto a torna menos dolorosa. Mas, seja como for, importa ressaltar que, sem o concurso da literatura, a que ele parece não emprestar grande significação, Jean Gênet teria matado também. Eis um caso em que a arte não logrou estabelecer o

equilíbrio psíquico desse louco amoral que procura reabilitar a baixa e que sente pelo homem de senso comum um ostensivo desprezo. "Reconheço nos ladrões, nos traidores, nos chantagistas, uma beleza profunda, que recuso a vocês, os normais" ... Sabe-se existir um sem-número de gradações entre o estado normal e a loucura. Mas quando Gênet é lúcido? Talvez quando se manifesta nele o artista ... Nem se pode dizer que seja um indivíduo que se desespera à cata da sua personalidade fragmentada.

Casulo dos próprios instintos primários, Gênet é a mostra mais expressiva do quanto pode o condicionamento, seja de uma crença ou de uma simples idéia, pois que tudo leva irremediavelmente à estagnação do pensamento criador. Com efeito, vive condicionado por uma espécie de fatalismo que o obriga a furtar, por amor do furto, a despeito de ser homem de poses, podendo viver com decência apenas com os direitos autorais. O crime, que ele transformou numa curiosa mística, não lhe deixa nenhuma lembrança na consciência ética totalmente embotada. Falando na perspectiva de uma nova guerra mundial, declara com o sossego e a convicção de um predestinado: "A medida que a inquietação aumenta, com he e o uma estranha paz. Recolho-me em mim mesmo. Recolho-me num recanto delicioso e feroz de onde olharei sem temor a fúria estúpida dos homens. E voltarei a escrever sobre o mundo que vocês consideram horrível, o mundo dos pederastas, dos mendigos e dos ladrões".

"Gênet é um poeta — diz Sartre. Mas, que me compreendiam bem: a sua poesia não é uma arte literária, é um meio de salvação ... Gênet magnifica a sua abjeção para poder suportá-la ... Estas poucas palavras explicam, melhor do que uma dissertação, o fenômeno Jean Gênet".

O 6.º aniversário de "Letras e Artes"

COM o presente número, LETRAS E ARTES completa seu sexto ano de existência. Talvez não seja muito na vida de um jornal noticioso e informativo, voltado para o quotidiano, mas o é na de uma publicação literária, especialmente tendo-se em vista o abandono, a penúria e as demais numerosas restrições que sempre atingem duramente as raras e isoladas iniciativas de natureza cultural levadas a efeito em nosso meio.

Este aniversário, pois, pode não representar, para o grande público, acontecimento digno de comemoração. Mas para nós, e para aqueles que de perto nos acompanham, trazendo-nos constantemente o estímulo e o apoio com que sobrevivemos, representa uma grande satisfação íntima e, também, a esperança de que melhores perspectivas se abram, não somente ao suplemento que "A MANHÃ", jornal de poucos recursos, porém, das melhores tradições, vem há tanto tempo oferecendo aos seus leitores, mas e, principalmente, a todas as mal recompensadas e compreendidas manifestações da inteligência, da cultura, possibilitando, assim, a formação de clima mais propício à sobrevivência dos valores intelectuais.

Se mais não fizemos nestes seis anos de lutas contra incompreensões e dificuldades de toda ordem, conforta-nos no entanto a convicção de que LETRAS E ARTES desempenhou, e continuará desempenhando, papel de certo relevo no meio intelectual brasileiro, concorrendo de maneira geral para a divulgação da cultura, intervindo na solução dos problemas intelectuais e abrindo as suas colunas a todas as opiniões, sem nenhum "parti-pris" de grupo ou de escola.

E para o bom desempenho dessa tarefa, é-nos grato salientar que, pelo menos, nunca nos faltou o apoio da direção e dos caros companheiros de A MANHÃ.

MACHADO DE ASSIS EM INGLES

NESTE MÊS O LANÇAMENTO DE "BR AZ CUBAS" NOS ESTADOS UNIDOS — "OBSERVEI QUE OS LEITORES NORTE- AMERICANOS OU GOSTAM MUITO, OU NÃO GOSTAM ABSOLUTAMENTE DE MACHADO DE ASSIS", DECLARA O TRADUTOR WILLIAM GROSSMAN — AS RAZÕES DESSE CONTRASTE

OTTO SCHNEIDER

PARECE que só agora os leitores de língua não-portuguesa começam a descobrir Machado de Assis. Depois do lançamento de "Memórias Postumas de Braz Cubas" em francês, na tradução do general Chadecoz de Lavallade, saíram, no ano passado, dois volumes em edição alemã: "Braz Cubas" e "Quincas Borba". Primorosamente apresentados, impressos sobre papel fino e de primeira qualidade, em edições como Machado de Assis nunca as teve iguais, sob o aspecto gráfico, os dois volumes encontraram uma acolhida fora do comum entre os leitores de fala alemã, o que faz prever o lançamento de outros romances do velho mestre.

Agora, anuncia-se para fins deste mês de maio a edição norte-americana, pela Noonday Press, na tradução de William Grossman.

O TRADUTOR AMERICANO

William Grossman, professor de Economia na Universidade de Nova Iorque, veio ao Brasil em 1948, contratado pelo Ministério da Aeronautica. Para desempenhar suas funções de professor de Economia no Instituto Tecnológico de Aeronautica, em São José dos Campos, teve que aprender português, e aprendeu-o lendo Machado de Assis. Certamente um método original e seguro, além de interessante. E a tal ponto se apaixonou pelo grande romancista, que resolveu verter para o inglês as "Memórias Postumas de Braz Cubas".

Sua dedicação foi mais longe. Como não encontrasse editor, lançou o livro por sua conta, em São Paulo.

Na ocasião, em fins do ano passado, apresentando-nos orgulhoso um exemplar do seu belo trabalho, o Prof. Grossman falou-nos longamente sobre a sua experiência:

— Aproximei-me dessa tarefa de traduzir o quase intraduzível com certo medo. Antes, embebi-me não só das obras de

Machado, como da literatura sobre ele e o ambiente físico e espiritual, por ele frequentado. Beneficiei-me especialmente de certos escritos da Sra. Lucia Miguel Pereira e do Sr. Eugenio Gomes, e de uma conversa esclarecedora com este ultimo.

A uma pergunta sobre as evidentes dificuldades que devia ter encontrado no trabalho de tradução, William Grossman explicou:

— Para reduzir os possíveis malentendidos, aproveitei a ajuda sempre bem-humorada do meu amigo Arnaldo Pessoa, antigo professor de português da Columbia University. O generoso Arnaldo percorreu o livro comigo, pagina por pagina, resolvendo muitas de minhas dúvidas e sugerindo interpretações. E acrescentou:

— E' pena que a publicação de uma versão inglesa dessa obra-prima se realize tão tarde, e que seja tão grande o desconhecimento de Machado de Assis na Inglaterra e nos Estados Unidos. Espero que a tradução dê a meus conterrâneos, que tanto lêem sobre as riquezas econômicas brasileiras, melhor compreensão da riqueza espiritual do Brasil.

NOS ESTADOS UNIDOS

Em seguida, o Prof. William Grossman foi passar suas férias regulamentares nos Estados Unidos e aproveitou a oportunidade para oferecer a tradução a varios editores. Encontrou pouco interesse. Melhor diríamos: não encontrou ne-

nhum. Assim, por exemplo, o encarregado das obras estrangeiras do editor Knopf leu o "Braz Cubas", e embora o



William L. Grossman

achasse "fascinante" (empregou precisamente este termo), considerou que o romance encontraria poucos leitores nos Estados Unidos.

Grossman não se deu por vencido. Continuou insistindo. Fi-

nalmente, através de um poeta seu amigo, Cecil Hemley, conseguiu que a Noonday Press — pequena casa editora que só publica livros que fogem do padrão usual, e destinados a uma pequena elite, e em reduzidas tiragens de 3.000 exemplares — se interessasse por Machado de Assis. E é por onde "Braz Cubas" deverá sair em fins deste mês. Caso venha a ter boa aceitação, William Grossman traduzirá também o "Quincas Borba".

FORTE CONTRASTE

Agora, de volta das férias, e antes de regressar de vez para os Estados Unidos, onde reassumirá suas funções na Universidade de Nova Iorque, o Prof. Grossman, depois de contar as suas peripécias, acrescentou a seguinte curiosa observação:

— Sempre reparava na reação não só dos editores como também dos amigos que tinham lido minha tradução de "Braz Cubas" e pude observar, de cada vez, que o leitor ou tinha gostado muito, dizendo tratar-se de uma verdadeira obra-prima, ou, pelo contrario, não tinha gostado absolutamente nada, qualificando o romance de Machado de obra destituída de qualquer valor, completamente seca e sem interesse. Nunca, nem uma unica vez um leitor o achou simplesmente um "bom livro". Quer dizer, ou havia sincero entusiasmo, ou então franca repulsa.

— E como se explica esse contraste tão violento? — indagamos.

— A meu ver, a explicação é a seguinte: Machado de Assis, nas "Memórias Postumas de Braz Cubas", destrói impiedosamente quase todos os deuses falsos que, hoje em dia, adoramos. Ele é, nesse romance, um iconoclasta sem dó nem piedade. E há a considerar mais o seguinte: no "Braz Cubas", Machado destrói precisamente o homem medio que tanto adoramos. Destroi-o meticulosamente, em todos os seus aspectos: no sexual, no politico, nas manifestações de caridade, nas suas pretensões filosóficas, e assim por diante. Acontece então que, quando um homem medio lê esse romance, vê nele a sua propria destruição, e por isso mesmo dificilmente pode aceitar o livro. Repele-o instintivamente!

E concluindo:

— Para aceitar "Braz Cubas" é preciso ter indole forte. E creio que, mesmo no Brasil, esse romance de Machado de Assis é mais elogiado e falado do que sinceramente apreciado.

ESCREVERA SOBRE O BRASIL

Regressando agora definitivamente para os Estados Unidos, o Prof. William L. Grossman não parte sem saudades:

— Gostei muito, e sinceramente dos brasileiros. Espero escrever sobre o Brasil e a minha experiencia e permanencia aqui de quatro anos. Não gosto quando dizem que o Brasil é o país do futuro. E' uma frase superficial. O estrangeiro que fala sobre o Brasil como país do futuro desconhece a luta do brasileiro para vencer os entraves naturais, fisicos e também psicologicos. Assim, por exemplo, a tradição do patriarcalismo na historia do Brasil, sobre que fala Gilberto Freyre, não é um fator que se supera com facilidade.

E, num forte abraço de despedida:

— Enfim, uma vez nos Estados Unidos, espero divulgar ao maximo tudo o que vi, experimentei e aprendi de bom e bonito neste belo país que é o Brasil.

NA CAMARA DOS VEREADORES

Também na Câmara dos Vereadores do Distrito Federal o sexto aniversário de "Letras e Artes" encontrou a melhor repercussão. A Câmara aprovou a seguinte promoção, de congratulações com este suplemento, apresentada pelo Dr. Raphael Quintanilha, segundo Vice-Presidente do Legislativo carioca, apoiado pelos vereadores escritores Raymundo Magalhães Junior e Paschoal Carlos Magno:

"SENHOR PRESIDENTE:

No próximo domingo, dia 11 do corrente, "LETRAS E ARTES", suplemento de literatura e arte de "A MANHÃ", festejará seu sexto aniversário de fundação. Órgão de grande projeção no panorama literário e artistico do país, que vem, de longa data, exercendo influencia das mais benéficas na vida cultural brasileira, "LETRAS E ARTES", que é, sem nenhum favor, desde o seu aparecimento, o mais importante semanário especializado existente no Brasil, merece o estímulo e o apoio de todos os nossos homens cultos. Fundado em maio de 1946 por Jorge Lacerda, hoje Deputado Federal, dirigido atualmente pelo escritor Almeida Fischer, um dos autênticos valores da moderna literatura brasileira, o suplemento dominical de "A MANHÃ", vem transpondo, com galhardia, todos os múltiplos obstáculos que geralmente se antepõem às realizações culturais em nosso país. Eu sei, Senhor Presidente, dos esforços e da soma de sacrificios que a feitura de "LETRAS E ARTES" vem exigindo, semanalmente, do seu dedicado Diretor. Não é fácil, em um país onde tudo conspira con-

(Conclui na 12.ª pag.)

O 6.º ANIVERSARIO DE "LETRAS E ARTES" NO PARLAMENTO

A SAUDAÇÃO DOS SENADORES, DEPUTADOS E VEREADORES

DEPOIMENTO DO SENADOR HAMILTON NOGUEIRA

O escritor e Senador Hamilton Nogueira assim se referiu ao 6.º aniversário deste suplemento:

"Letras e Artes" é, indiscutivelmente, um dos melhores boletins literários do Brasil. As suas páginas foram, durante seis anos, um reflexo vivo do pensamento universal e da inteligência brasileira. Esperamos que continue a sua fulgurante trajetória, no enriquecimento da literatura nacional".

A OPINIAO DO SENADOR FLAVIO GUIMARÃES

O senador Flávio Guimarães, parlamentar dos mais cultos e ilustres, declarou-nos: "Considero "Letras e Artes" uma excelente contribuição à boa formação literária de nossa gente. Jornal livre, variado, dispondo de direção segura e excelentes colaboradores, "Letras e Artes" vem exercendo função de incalculável valia no desenvolvimento da cultura nacional, tanto mais que "A MANHÃ" é um jornal que conseguiu penetrar no interior".

A SAUDAÇÃO DO SENADOR MATIAS OLÍMPIO

Homem da melhor formação intelectual, o Senador Matias Olímpio honra este suplemento lendo-o com interesse todos os domingos. Sobre nosso sex-

to aniversário de fundação, assim se manifestou o ilustre parlamentar piauiense: "No Brasil, um jornal como "Letras e Artes", todo dedicado às belas letras, durar seis anos, constitui um fato digno do maior entusiasmo, tal é a nossa negligência em relação a publicações dessa natureza. O aniversário do vitorioso suplemento é, por isso, motivo de júbilo para quantos se interessam pelo desenvolvimento cultural do país".

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

A propósito do sexto aniversário de "Letras e Artes", o Deputado Osvaldo Orico, poeta e escritor membro da Academia Brasileira de Letras, proferiu, em dia da semana passada, na Câmara dos Deputados, as seguintes palavras: "A criação do suplemento literário de "A MANHÃ", que vem dos tempos da direção de Cassiano Ricardo, com Mucilo Leão e Jorge Lacerda no *Umon*, inaugurou uma nova fase para os valores do espirito. Decimemotográfica de suplemento desapareceu aquela informação internacional, para afirmar-se um órgão vinculado à terra pelas suas expressões próprias. Assim continua pelo tempo a fora, e esplende no seu 6.º aniversário que ora transcorre, entregue ao comando de Almeida Fischer, que faz

de "Letras e Artes" a oficina a que emprestam sua colaboração os elementos mais representativos das novas gerações brasileiras. Ao "Letras e Artes" e à direção de "A MANHÃ", pois, as minhas sinceras felicitações pelo sexto aniversário do suplemento fundado por Jorge Lacerda".

PALAVRAS DO DEPUTADO AMANDO FONTES

O romancista Amando Fontes assim se referiu ao sexto aniversário deste suplemento: "A circunstância de o suplemento de "A MANHÃ", "Letras e Artes", atingir seu sexto ano de vida bem indica a receptividade que desde a primeira hora vem encontrando no seio da intelectualidade brasileira. Desejo, sinceramente, que continui sua vitoriosa carreira, servindo as nossas letras".

A SAUDAÇÃO DO DEPUTADO JORGE LACERDA

Do deputado e escritor Jorge Lacerda, fundador de "Letras e Artes", a quem este suplemento tudo deve, recebemos o seguinte bilhete: "Meu caro Almeida Fischer — Embora seja, também, de casa, mandolhe neste sexto aniversário, o meu efusivo abraço de felicitações, pelo brilho e verdadeira bravura com que você vem mantendo o nosso querido suplemento literário".

O SEXTO aniversário de "Letras e Artes", que ora comemoramos, encontrou a melhor repercussão nas duas casas do Congresso Nacional e na Câmara de Vereadores. Em rápida *enquete* que realizamos, Senadores, Deputados e Vereadores dos mais ilustres manifestaram sua simpatia e seu apreço pelo suplemento literário de "A MANHÃ". Essa simpatia e esse apreço, que nos vêm também do público em geral, constituem, efetivamente, o estímulo de que vivemos e em razão do qual vamos-nos esforçando sempre no sentido de manter, apesar de todas as dificuldades que frequentemente se antepõem às iniciativas culturais em nosso país, no mais alto nível que nos é possível, este suplemento.

NO SENADO FEDERAL

Nossa reportagem colheu, no Senado Federal, depoimentos dos mais significativos e elogiosos sobre o 6.º aniversário de "Letras e Artes".

PALAVRAS DO SENADOR DARIO CARDOSO

O senador Darío Cardoso, que é, sem dúvida, intelectual dos mais brilhantes, dirigiu a seguinte saudação a "Letras e Artes":

"Leitor assíduo de "Letras e Artes", é com satisfação que vejo o prestigioso suplemento dominical de "A MANHÃ" completar seu sexto ano de existência. Jornal dedicado às coisas do espirito, imune às "panelinhas", não distinguindo entre valores antigos ou modernos, "Letras e Artes" vem cumprindo, sem favor, importante papel cultural em nosso meio. Ao seu diretor e auxiliares, as minhas felicitações pelo evento".

MEUS POETAS

TASSO DA SILVEIRA

CONHEÇO alguma coisa da poesia do mundo. Tenho lido muito, em várias línguas, e há três décadas venho ensinando a gerações sucessivas de estudantes a história, a técnica, o sentido da poesia. Os poetas que me encantaram são dezenas, de todos os tempos e lugares. Mas os "meus poetas" propriamente falando, aqueles cuja substância de poesia se transformou no que sou como sensibilidade e como espírito, são pouquíssimos.

Um deles me veio da Índia contemporânea, e se chamou Tagore. Foi o que mais altamente me comoveu em minha vida. Escrevi certa vez longo ensaio — "A sombra da fronde tagoriana" — para mostrar, como depois de mim o fizeram críticos de prestígio da velha Europa, que o misticismo do cento de Tagore é de acento cristão, e não braamânico. Não soube dizer, porém, no ensaio referido, o motivo central do fascínio de seu canto sobre mim. Creio vislumbrar agora melhor esse motivo. É que, vendo o mundo com olhos humaníssimos, Tagore, no entanto, descobre em tudo o sentido intacto da "criação", — percebe de vista, a projeção do eterno no efêmero. Que a mística tagoriana tenha feições de mística cristã, continuo a pensá-lo. Sintu porém hoje que um subjacente pantecismo, da milenária fonte braamânica, deve ter facilitado a Tagore o descobrimento do divino em tudo, — divino que a seus olhos se fez transcendente ao influxo cristão.

Seja como for, a verdade é que o mundo, o criado, a natureza, o humano, aparecem ao cantor da "Lírica Oferenda", não como símbolos propriamente, ou como evanescentes imagens das realidades eternas, como a Platão, a Platino, a São

Boaventura, a São João da Cruz, — mas, sim, como o próprio eterno percebido em transparência, fulgindo na substância do efêmero como um clarão limpo.

Seja a alma da criança, seja a fisionomia da amada, sejam as mais simples coisas quotidianas, a realidade inteira, na poesia de Tagore, se ilumina do mesmo fulgor transcendente da divindade, e por isto os próprios horizontes humanos do poeta são infinitos, e seus encontros humanos são sempre encontros com o mistério, e há sonho e êxtase nos passos mais humildes de sua caminhada pela Terra.

De um poema de Tagore dei tradução à minha moda em livro da mocidade. É a seguinte:

"Fizeste-me infinito ...
Do ser humilde que de ti me
o minúsculo cálice esvazias
e enches de vida sem cessar ...
o perpétuo milagre do teu bem.

Esta flauta que sou de humilde
conduziste-a por vales e colinas
e por ela sopraste melodias
eternamente novas e divinas
sob o tremor de minha voz hu-

As tuas dádivas perfeitas
só tenho as minhas duas mãos
para as guardar.
Mas quanto relas mais tesouros

mais sobra espaço ... E as mi-
nhas mãos eleitas
mais alto se erguem para te
imp'orar ...

Outro de meus poetas veio da Flandres. Foi Verhaeren. É preciso que seja alguém profundamente inconsequente, tumultuário, ilógico, para tomar-se de paixão a um só tempo por Verhaeren e Tagore. Mas isto comigo aconteceu. Em face de Tagore, Verhaeren é ... o lado oposto. Seus mais característicos poemas celebraram a alucinatória vertigem da hora que passa. As cidades tentaculares. As forças tumultuosas. O múltiplo esplendor. O trem de ferro, o steamer, a convulsa trepidação da máquina. E cantaram tudo isto em êstos de fervor. O destino de criar do ser humano, condensou-o Verhaeren no, a uma só vez, magnífico e tenebroso esforço do homem contemporâneo por modelar a matéria e a vida em puro dinamismo. Sem nunca perder de vista, contudo, o "esplendor miriádico das estrélas". E sem que tivesse deixado de pousar, de quando em vez, a cabeça cansada de movimento no regaço de puro amor de "As horas claras" e de as horas "d'après midi".

Tagore e Verhaeren fascinaram-me não em tempos diversos, em momentos sucessivos de minha luta, mas num mesmo tremendo instante de ansiosa procura de sentidos, na juventude. O primeiro dava-me a face de contemplação do misté-

rio, que era necessidade urgente em meu ser, o segundo me desvendava o panorama da ação ardente, por que também anseavam as forças mais virgens de meu espírito. Hora das disponibilidades sem limites. Não se olvide, porém, que Verhaeren dizia: "La vie est à monter, et non pas à descendre", — e neste verso, de que fiz epigrafe de um livro meu de poemas, se inclui, não obstante a aparência de apologia exclusiva da ação da obra quase toda do poeta, uma visão transcendente da vida e do destino.

Meu terceiro poeta foi Whitman. Traduzi-o abundantemente por volta de 1918 a 1920. Suponho ter sido eu quem o revelou ao Brasil. Em Whitman, o que desde o primeiro momento me embebedou de poesia não foi, como em Tagore e Verhaeren, o conteúdo de sentimento do mundo explícito nos poemas. Foi o ritmo largo, a amplitude de mar do verso desmedido, o sopro de liberdade criadora que lhe sacudia o canto bárbaro e lhe permitiu incluir nesse canto a universalidade dos seres e das coisas.

Da "Saudação ao Mundo", translatei para o idioma nosso o mais impressivo fragmento:

"Que ouves Walt Whitman?
Ouço o canto do operário e da
Ouço, ao longe, o grito das cri-
anças e dos animais, no ama-
Ouço o tumultuoso clamor dos

[australianos a perseguirem os
[cavalos selvagens.
Ouço os ballados espanhóis com
[castanholas, à sombra do castanheiro, ao som do arrabil e
[da guitarra,
Ouço os contínuos e surdos rui-
[dos do Tâmsa,

Ouço os selvagens hinos de li-
[berdade da França heróica,
Ouço a voz musical do bateleiro,
[recitando antigos poemas
[de Itálica doceira,
Ouço o rumor de asas dos ga-
[fanhos da Síria, arrasando
[colheitas e prados sob o peso
[de suas nuvens terríveis,
Ouço o refrão do copta ao sol
[poente, melancolicamente tom-
[bando sobre o seio negro da
[vasta e venerável matriz do
[Nilo,

Ouço a cantiga do muladeiro
[mexicano, e ouço os sinceros
[de sua mula,

Ouço o muezzin, na Arábia,
[chamando os fiéis do alto da
[mesquita,
Ouço os padres da Igreja nos
[altares, e as vozes do coro que
[respondem,

Ouço o grito dos cossacos e o
[canto do marinheiro fazendo
[vela de Orkotsk;
Ouço o ofego doloroso do reba-
[nho de escravos em marcha,
[desfilando de dois em dois, de
[três em três, uns aos outros
[encadeados pelos tornozelos e
[pelos pulsos,

Ouço os hebreus a lerem os seus
[anais e salmos,

Ouço os harmoniosos mitos gre-
[gos e as fortes lendas roma-
[nas,

Ouço a história da vida divina
[e da sangrenta morte de Cris-
[to, o belo Deus,

Ouço o indú a ensinar ao seu
[aluno favorito os amores, as
[guerras, os preceitos extraídos
[de poetas que escreveram há
[mais de três mil anos e que

(Conclui na 14.ª pag.)



Vinheta de SANTA ROSA

ACALANTO DO MORTO

EM SEIO PROPICIO

DORME.

DE OLHOS SOB MUSGO,

BOCA DESCARNADA

E OUVIDOS DE PEDRA,

DORME.

NAS VEIAS DE NOITE,

NA MAIOR DISTANCIA

DOS MARES, NAS ILHAS

ONDE NUNCA APORTAM

NAVIOS, NEM CHEGAM

ARAGENS DA TERRA,

DORME, DORME.

NÃO SINTAS, NÃO OUÇAS

O ALARIDO ENORME

QUE SACODE AS PRAIAS.

COM VIOLÊNCIA DE HORDAS

TUA MORTE AVANÇA.

DORME, DORME, DORME,

PARA QUE NÃO VEJAS

ESTA SOMBRA INFORME

CRESCENDO DOS VALES,

SUBINDO COM AS ÁGUAS,

NIVELANDO ABISMOS

PRÓXIMO DILÚVIO,

PERDIDA PALMEIRA!

SÓ A MORTE EXISTE,

SÓ A MORTE VIVE,

COM CEM BRAÇOS MÓVEIS,

COM CEM BRAÇOS FIXOS,

COM PALAVRAS QUENTES

E FRIOS DELÍQUIOS,

CIPRESTES FUGINDO

PARA A LUA, — A MORTE! —

COM VAGARES, COM

PROPOSTAS E ENIGMA!

DE FERA NA JAULA.

GOLPE DE RELÂMPAGO

ENTRE A FLOR E O CAULE.

RESTAM DO OUTRO ESTAGI,

SENTINELAS MUDAS

PROTEGENDO OS MORTOS

COM MANEJOS PRÓPRIOS

DE CEGAR OS VIVOS.

NADA SE APROXIMA

DE ONDE ESTÁS, PERFEITO.

NINGUÉM SE APROXIME

DE TEU PURO LEITE.

DORME, DORME.

TUDO ESTÁ CONFORME

DESÍGNIOS PRECISOS.

VIVERÁ COMIGO

TUA MORTE. DORME.

GUARDAREI IMPAVIDA

TUA MORTE. DORME.

TUA MORTE É MINHA,

NÃO A SÓFRAS. DORME.

DORME.

HENRIQUETA LISBOA

O 6.º ANIVERSARIO DE "LETRAS E ARTES" NA PALAVRA DE NOSSOS ESCRITORES

EM BREVE enquete que realizamos em nossos círculos intelectuais, escritores e poetas de todas as tendências se manifestaram de maneira a mais expressiva a respeito do sexto aniversário de "Letras e Artes", que hoje comemoramos, demonstrando o bom conceito de que goza este suplemento nos meios literários e artísticos brasileiros.

O DEPOIMENTO DE CASSIANO RICARDO

O poeta Cassiano Ricardo, fundador de A MANHÃ e nosso querido amigo, dirigiu a seguinte saudação a LETRAS E ARTES: — "O que merece aplausos, num suplemento como este, não é só a afirmação da cultura e idealismo, que ele representa.

É algo mais do que isso; é extraordinário benefício que as publicações de tal gênero prestam ao povo, que também vive pelo coração. A luta pela vida seria pior, e mais rude, nos dias que correm, se não se desenvolvesse numa constante atmosfera de poesia...

E que mais bela prova de democracia do que, em nossos órgãos de imprensa, a presença da criação artística e literária, ao lado da moderna discussão livre?

O aniversário de LETRAS E ARTES constitui, pois, um motivo de orgulho para Almeida Fischer e um dia de festa para a inteligência brasileira".

SAUDAÇÃO DE EURYALO CANNABRAVA

O ensaísta Euryalo Cannabrava, uma de nossas mais sérias formações intelectuais, assim se manifestou sobre o sexto aniversário deste Suplemento:

— "Letras e Artes", nestes seis anos de circulação, tem prestado inestimáveis serviços à cultura brasileira. Congratulando-me com seu atual diretor e com a direção de A MANHÃ na passagem do sexto aniversário do suplemento fundado por Jorge Lacerda, faço votos para que "Letras e Artes" continue mantendo seu alto padrão literário".

PALAVRAS DE JORGE DE LIMA

O poeta, romancista, pintor e escultor Jorge de Lima, declarou:

— "Sou colaborador de "Letras e Artes" desde o seu aparecimento. Aliás, colaborador e fundador de "A Manhã". Abraço o meu caro amigo Almeida Fischer como digno continuador de Jorge Lacerda e Leony Machado. Atualmente, quando o "Letras e Artes" completa seu sexto ano de vida, colaboração como a de João Gaspar Simões honra este ótimo suplemento literário".

MENSAGEM DE JOSÉ LINS DO REGO

José Lins do Rego, pouco antes de partir para a Europa, enviou-nos esta mensagem:

"Sempre considerei o suplemento "Letras e Artes" de "A Manhã" como uma das coisas melhores que se têm feito no gênero no Brasil. Louvo o esforço que ele representa e a esplêndida tenacidade com que vem sendo mantido".

O DEPOIMENTO DO DIRETOR DE "JORNAL DE LETRAS"

O escritor José Condé, um dos diretores de "Jornal de Letras", declarou: "Figura "Letras e Artes" num lugar de relevo no nosso jornalismo literário. De Jorge Lacerda a Almeida Fischer, ele tem sabido manter o seu espírito cultural e informativo, revelando-se um fiel e atento espelho de nossa vida literária. A data de seu aniversário é um acontecimento lite-

rário da mais alta significação".

A OPINIAO DO AUTOR DE "CASALHO"

O romancista Herberto Sales assim se manifestou: "Nunca perdi de vista o "Letras e Artes". O seu cômodo formato, a boa qualidade da matéria, o seu noticiário vivo e movimentado, concorrem para torná-lo uma

publicação que de fato agrada. Incorporei-o definitivamente aos meus domingos".

PALAVRAS DE JOAQUIM RIBEIRO

O historiador e folclorista Joaquim Ribeiro disse: "Letras e Artes" sintetiza toda uma geração que se tem definido por um alto sentido democrático e profunda vocação estética".

A SAUDAÇÃO DE LUCIA BENEDETTI

A romancista Lucia Benedetti, autora de "Noturno sem leito", congratulou-se com a passagem do sexto aniversário de "Letras e Artes". Declarou-nos a jovem e conhecida romancista:

"É uma verdadeira felicidade, numa terra onde a litera-

tura é tão pouco prestigiada, poder-se celebrar mais um aniversário de uma publicação literária. E principalmente de um suplemento que se tem mantido, desde o nascimento, com uma tal dignidade artística e a honestidade profissional. Se não fosse o receio de passar por pessimista, eu diria que o sexto aniversário de "Letras e Artes" é mais do que um acontecimento. É um milagre. Um milagre feito por santos de casa. Mas vamos deixar esse aniversário como um acontecimento mesmo. Um espantoso acontecimento que todos nós escritores desejamos que continue nos espantando por muitos anos".

PALAVRAS DE HERMES LIMA

O escritor Hermes Lima assim se manifestou sobre o "Letras e Artes":

"Tenho o suplemento literário de "A Manhã" como um dos melhores que aqui se publicam. Faz-se ali a literatura na mais elevada acepção de termo, sem o jogo das "capelinhas" e do elogio mútuo. Colaboração de primeira ordem e matéria viva, onde há sempre o que apreciar".

A OPINIAO DE TASSO DA SILVEIRA

O escritor e poeta Tasso da Silveira assim se referiu a "Letras e Artes": "Quer-me parecer que "Letras e Artes" soube colocar-se numa linha singular dentre os suplementos literários por sua preocupação predominante de selecionar valores em todos os diferentes círculos de atividades literárias do país. Pode apresentar, com isso, nestes seus poucos anos de vida, um variadíssimo elenco de poetas, pensadores, críticos, ficcionistas, mais expressivo talvez da verdadeira situação das nossas letras do que o testemunho oferecido por órgãos congêneres de critério de seleção muito mais restrito".

A SAUDAÇÃO DO DIRETOR DE "REVISTA BRANCA"

O contista Saldanha Coelho diretor de "Revista Branca" assim se manifestou:

"O sexto aniversário de uma publicação literária é sempre motivo para grandes festas, sobretudo no caso de "Letras e Artes" — que reflete todas as nossas correntes intelectuais dando ao leitor uma visão de panorama dos homens e das obras de arte em geral e da literatura em particular. Votos de êxito, pois, à "dinastia" que começou em Jorge Lacerda e é hoje esplêndidamente continuada em Almeida Fischer".

O DEPOIMENTO DE FAUSTO CUNHA

O jovem e acatado crítico literário Fausto Cunha assim se referiu ao aniversário deste suplemento: "Letras e Artes" continua sendo o nosso suplemento-padrão, quer do ponto de vista material, quer do ponto de vista literário. Ultimamente, tem havido uma grande renovação nos seus quadros, com a introdução de novos valores, o que se deve, em grande parte, ao espírito com que Almeida Fischer tem dirigido o suplemento tão bem lançado por Jorge Lacerda".

PALAVRAS DE SERGIO MILLIET

Pouco antes de embarcar para a Europa, o crítico de literatura e arte Sérgio Milliet assim se referiu ao sexto aniversário de "Letras e Artes":

"Ninguém ignora que a vida de um suplemento literário é no Brasil, verdadeiro milagre. Por isso, "Letras e Artes" está de parabéns neste seu sexto aniversário. Figuro entre os colaboradores mais antigos e ainda não me acostumei ao milagre. É sempre uma alegria para mim a data da festa".

PALAVRAS DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

O professor Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde, redigiu, por motivo da passagem do sexto aniversário de LETRAS E ARTES, a seguinte saudação, cujo "fac-símile" abaixo reproduzimos: "A civilização brasileira como, aliás, todas as civilizações latinas, tem nas letras e nas artes as suas afirmações mais definidas e permanentes. Dai, a extrema relevância da literatura, e o louvor, que não devemos regatear à imprensa quando, resistindo à tentação do quotidiano, entre a cultivar o campo literário. O suplemento LETRAS E ARTES, de A MANHÃ, já granjeou o seu lugar nesse quadro. Nenhum empreendimento dessa natureza, até agora, se mostra mais honesto e idealista".

Ministério da Educação e Saúde

A civilização brasileira como, aliás, todas as civilizações latinas, tem nas letras e nas artes as suas afirmações mais definidas e permanentes. Dai, a extrema relevância da literatura, e o louvor, que não devemos regatear à imprensa quando, resistindo à tentação do quotidiano, entre a cultivar o campo literário. O suplemento LETRAS E ARTES, de A MANHÃ, já granjeou o seu lugar nesse quadro. Nenhum empreendimento dessa natureza, até agora, se mostra mais honesto e idealista.

Simões Filho
1952

Simões Filho
Ministério da Educação e Saúde

ARTISTAS BRASILEIROS NO MUSEU DE ARTE MODERNA

(Conclusão da 9.ª página)

mos, a conduzir a arte brasileira a um padrão mais depurado. Esse sentido, sadio e objetivo, é que pode ajudar e despertar maior entusiasmo à todos os que criam arte, no Brasil.

X X X

YLLEN KERR — O nosso antigo companheiro Yllen Kerr, vem de ser contemplado com o prêmio de viagem à Europa, na Exposição de Artistas Brasileiros, do Museu de Arte Moderna

do Rio de Janeiro. Cooperando com O Museu, a Distribuidora Studebaker e a Cia. Panair do Brasil ofereceram a um artista jovem que nunca tivesse viajado fora do país, uma passagem de ida e volta, num dos Bandeirantes do Ar, daquela Cia., sendo da Studebaker a concessão de uma bolsa de mil dólares para estada do premiado. O júri, composto de Antonio Bento, Santa Rosa, Flavio d'Aquino, Mario Barata e Mario Pedrosa, concedeu o prêmio a Yllen Kerr, cuja obra de gravador se vem notando, com in-

teresse, nas varias exposições a que tem concorrido.

É auspicioso o resultado da concessão desse Prêmio, pois estamos certos de que o jovem artista, com a sua viva inteligência e curiosidade, se enriquecerá de novos elementos que beneficiarão a sua arte.

Yllen Kerr viajará ainda este mês, destinando-se, inicialmente, à Paris, visitando na medida dos seus estudos, outros países da Europa.

É, particularmente, para nós, imensamente grata a vitória do velho companheiro.

DA AMBIGUIDADE EM POESIA

JOÃO GASPARG SIMÕES

COM este seu novo livro, Anel de sete pedras, alcança Natércia Freire, a autora do Meu caminho de luz, de Estátua, de Horizonte Fechado e do Rio Infundável, as suas obras em versos, e de A alma da velha casa, o seu único livro de prosa, um pequeno volume de contos de ritmo e inspiração poéticas, — com este seu novo livro, diz, alcança Natércia Freire a mais alta curva da sua obra de poeta. A ambiguidade que tem presidido ao banquete da poesia desta escritora — uma ambiguidade de caráter verbal — encontrou, finalmente, a fase que lhe convinha. De s v a neceu-se? Não. Não pode desvanecer-se a ambiguidade, tributo imemorial de toda a poesia, sem graves perigos para o poeta. Foi com o desvanecimento da ambiguidade que Antero de Quental entrou na fase das Odes Modernas, fase de poesia racionalista e, portanto, insuficientemente poética. Teve de esperar pelo seu regresso à situação ambígua para subir ao alto do Parnaso com essa espécie de decantação sistemática da ambiguidade que é o seu volume de Sonetos.

Ambíguo quer dizer — o que tem mais de um sentido. É ambígua a poesia que deixa no espírito a incerteza e a dúvida. Pode, contudo, a ambiguidade da poesia manifestar-se de duas maneiras diversas. Há uma poesia ambígua pela expressão e uma poesia ambígua pelo sentido. Só, em verdade, a ambiguidade de sentido deve ser considerada, em poesia, uma ambiguidade fecunda. Se é apenas a forma que tem mais de um sentido — a poesia, na incerteza e na dúvida que lança no espírito do leitor, enfraquece a sua própria magia. Nunca são vagos nem incertos os gestos de um bruxo. A magia é

uma ciência. Pelo menos, assim a consideram aqueles que a praticam. Mas se a multiplicidade de sentidos se encontra no próprio sentido — então a poesia, em vez de enfraquecer, fortalece-se. O espírito do leitor, em contacto com uma poesia de sentido ambíguo, experimenta as mais profundas emoções que a poesia pode provocar. Não é a poesia, por definição, a quinta-essência da ambiguidade; a máxima flutuação de sentidos e a máxima incerteza na interpretação?

Quando digo que a poesia de Natércia Freire, ambígua desde sempre, entrou na fase que lhe convém, quero apenas dizer que a sua ambiguidade, que era verbal, se fez, finalmente, como convinha, uma ambiguidade de sentido. Se algo subsiste, na poesia da autora do Anel de sete pedras, de formalmente ambíguo, é que a ambiguidade de sentido na obra dos poetas da estirpe de Natércia Freire — os poetas que se servem das palavras para não deixar fugir a ambiguidade das emoções — nunca pode separar-se por completo da ambiguidade da expressão.

“Serás sempre a incompleta, a confusa, a imprevista. Terás metade de artista em metade de poeta”.

E nesta acusação que contra si mesma dirige a autora do Rio Infundável — eis um título que exprime bem a fluidez do habitat poético de Natércia Freire — denuncia a ambigui-

dade fundamental do seu íntimo ser, aparentando-se, por momentos, até na forma e no ritmo, ao mais ambíguo dos poetas portugueses — esse ser “sem suporte” que foi Mário de Sá-Carneiro. “Incompleta”, “confusa”, “imprevisita” — eis três qualificativos que se ajustam, como uma luva se ajusta à mão que a calça, à personalidade da autora do Anel de sete pedras. Mas se a poesia teve jamais alguma virtude só dela própria, essa virtude exclusiva nisto mesmo se traduz: em saber completar, em poder esclarecer, em ser capaz de definir, embora sempre de maneira ambígua, aquele ou aquela que se utiliza do seu misterioso ritual.

É verdade que, sendo este novo livro de Natércia Freire uma compilação de versos caracterizadamente amorosos, em poucas das suas composições se fala, real e claramente, de amor. A ambiguidade da sua expressão encobre, descobrindo a ambiguidade do sentido. Digamos, Natércia Freire, neste seu livro, é ambígua por que quer. Um poeta que se expurga de um sentimento tão universalmente compartilhado como o amor — ainda mesmo quando o poeta tem o amor por impuro, tem o amor por pecaminoso, tem o amor por fraqueza da carne — para que a sua purificação seja poeticamente eficaz, tem de operar-se numa atmosfera de muitos e muitos graus centígrados.

De fato, o micróbio erótico não morre senão a muito altas

temperaturas.

As vezes exige o sacrifício da própria vida da poesia. Pois bem: em Natércia Freire, a temperatura, em vez de se elevar, desce. Natércia Freire quis, por assim dizer, purificar o amor, refrigerando-o. E a vasta superfície verbal dos seus poemas oferece-nos o panorama, realmente, ambíguo das paisagens geladas: tanto podem ser da terra como do céu. As nuvens que nos cercam quando percorremos de avião os altos céus parecem infintas paisagens de neve.

Não se depreenda daqui, todavia, que os versos de Natércia Freire são frios. Pelo contrário. De resto, as baixas temperaturas têm isto de extraordinário: provocam sensações idênticas às que provocam as altas. Composições como Poemas sem realidade não consentem que pensemos que em Anel de sete pedras a poesia não tem calor. Faz parte da sua natureza ambígua esta sensação de fogo que a poesia de Natércia Freire provoca, ainda mesmo quando só flocos de neve nos oferece.

Anel de sete pedras — é este título, explicado pelos dois versos da epigrafe:

“Um anel de sete pedras que eu ao meio parti ...”.

ambiguamente alude a um idílio findo — é, por assim dizer, um exorcismo lançado sobre o amor. O corpo — o corpo que já foi a enterrar —

“Já vai na estrada o teu enterro por entre filas de árvores nuas. Chove-lhe em cima o desapego das nuvens altas que foram tuas. E o véu cinzento do céu parado cobre as janelas, envolve as ruas.

“Já estás na cova, bem enterada.

— Toda a manhã senti calor — Já te esqueceram. Cantam felizes, sabem que és corpo negro e ral-zes, e cantam, sonham, falam de amor ...”.

eis o inimigo. Natércia Freire pede à poesia o que os possessores pedem ao sacerdote que sobre eles lança o exorcismo. E a poesia, que é, para Natércia Freire, purificação, mercê dessa ambiguidade fundamental da sua forma e do seu sentido, purificada, liberta as línguas impuras do amor.

Neste seu livro há uma luta incerta entre o espírito e a carne. Qual deles é o vencedor? Qual deles o vencido? Porque se não decide o pleito, é que a luta continua e, continuando, permite que a poesia do Anel de sete pedras chegue até nós, alternadamente, clamor de fogo e prece de gelo. As labaredas do amor, que são, para Natércia Freire, labaredas do inferno, telmam em arder ainda mesmo quando recobertas por essa espessa camada de neve que é a pureza do Céu.

A ambiguidade tem de ser dramática para ser, realmente, significativa. O Anel de sete pedras, se representa a fase mais alta da poesia de Natércia Freire, e se a representa no caminho da ambiguidade que sempre presidiu ao banquete da sua poesia, é porque, em verdade, há luta, há drama, há caminhos cruzados e flutuações de destino neste seu belo livro.

“O FAUNO DE MARMORE”, de Nathaniel Hawthorne, embora seja um dos seus romances menos conhecidos, é o que revela, talvez, de maneira mais viva e colorida o seu multifacetado talento de ficcionista.

Houve quem definisse Hawthorne como “o poeta elegíaco do sentimento de culpa” e sem dúvida definiu bem um dos aspectos singulares de sua rara personalidade. Dizemos rara porque ele, de fato, não foi um romancista comum e não se pode, licitamente, colar-lhe um rótulo na frente, filiando-o a esta ou àquela escola, classificando-o neste ou naquele grupo, enfim, transformando-o em simples componente de um rebanho qualquer. O certo é que Hawthorne permanece como uma dessas grandes figuras isoladas, expressões violentas e marcantes do seu Eu particular, meio desligadas do mundo circundante mas muito próximas — perigosamente próximas — do eterno e imutável coração humano.

Que sua obra esteja marcada pelo “sentimento de culpa”, é algo de positivo e de concreto. A circunstância tem suas raízes na própria alma do escritor, fruto dos episódios que lhe envolveram a primeira fase da existência. Mas o que realmente importa é antes a expressão artística desse sentimento, como o transformou ele em contos e romances que sobreviveram à decomposição de sua carne e ao pobre conflito que os inspirou. Pois nem todos os dramas conquistam as honras da imortalidade e poucos são os seus protagonistas que podem metamorfosear a mesquinhez da dor sentida em páginas que despertem o interesse universal.

Quer-nos, entretanto, parecer que, acima do sentimento de culpa, o que lhe marca a obra é a pungente consciência que tinha do conteúdo irremediavelmente trágico da vida. Tonalidades sombrias e matizes escuros caracterizam de manei-

O FAUNO DE MARMORE

CONSTANTINO PALEÓLOGO

ra forte e impressionante a atmosfera de seus contos, novelas e romances. E nisto Hawthorne é bem inglês. Já foi argutamente observada a diferença flagrante que existe entre a ficção inglesa e a francesa. Nesta, o que predomina é o aspecto sensual da vida, os prazeres dos sentidos, a graça do espírito gaulês o amor fi-

sico, o episódio erótico. Houve mesmo quem escrevesse que aos franceses os grandes temas estão PROIBIDOS, apesar de algumas geniais exceções. Mas se tomarmos a afirmativa num sentido amplo, como denunciando uma tendência geral, não lhe poderemos negar o acerto.

Opondo-se a essa ligeireza dos

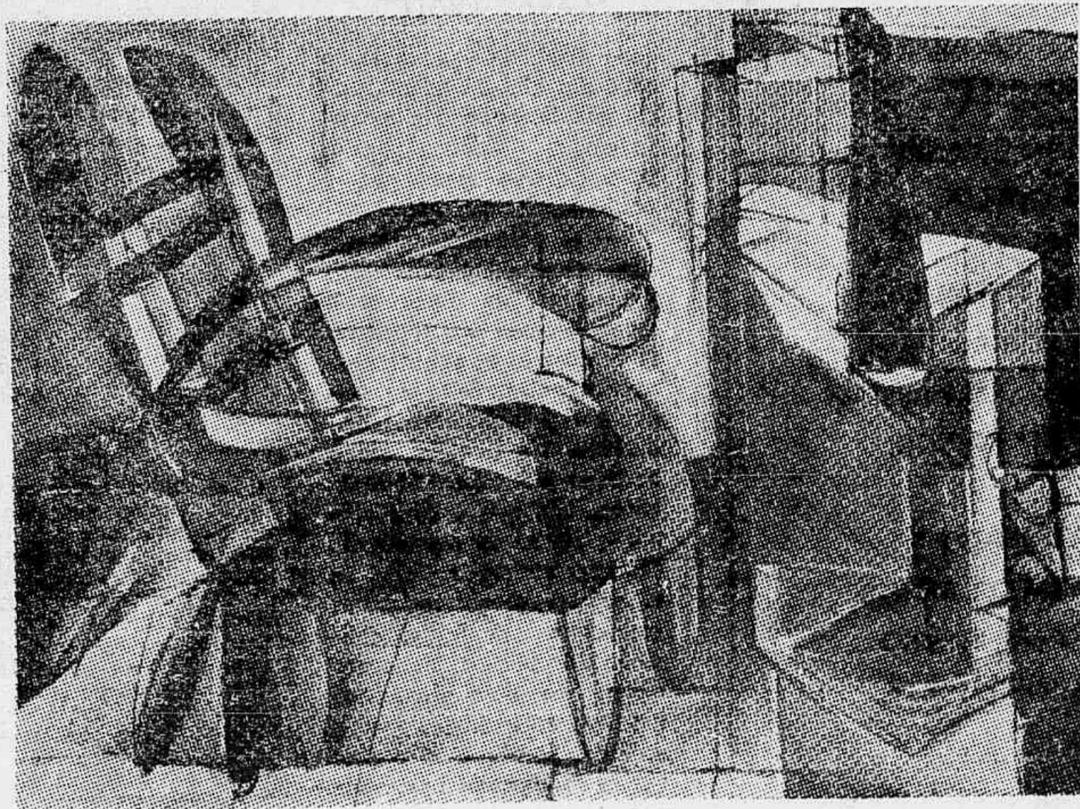
romancistas de França, temos a soturnidade, muitas vezes impregnada de mistério, da ficção inglesa. E este também é um fato inegável. Realmente: o mistério, a sombra, o terror, o sobrenatural, o trágico, marcam e definem o romance inglês. E a razão desse fenômeno já foi igualmente insinuada: o puritanismo britânico, a famigera-

da frieza sexual do saxão, afastam o espírito dos temas alegres, dos assuntos comuns, do amor-prazer, desviando-o para regiões mais profundas, arrastando-o para abismos às vezes tenebrosos, onde há grandes derramamentos de sangue e episódios terríficos em que a interferência do além se faz sempre sentir. Os castelos da Inglaterra são povoados de fantasmas e as ruas de Londres, imersas no “fog” sobrenatural, ocultam em cada esquina tipos misteriosos e complexos. Foi nelas que deslizou furtivamente o médico e monstro, foi lá que nasceu Sherlock Holmes, é naquela cidade tentacular que flui o sinistro Tâmisia.

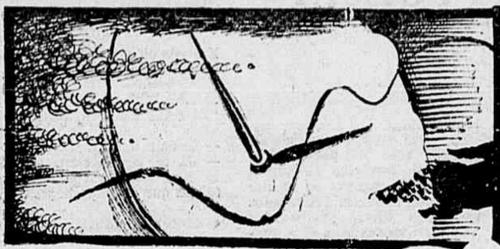
Não esqueçamos que Hawthorne, puritano de origem, ainda era inglês de espírito e de formação, pois a América do Norte ainda não havia desenvolvido e consolidado uma cultura própria. Suas peculiaridades de romancista, por conseguinte, tinham suas raízes firmemente enterradas na raça e na moral de seus ancestrais.

Outro fenômeno bastante curioso é que o inglês, para entregar-se ao amor, mesmo na ficção, emigra. Isto é tão velho quanto Shakespeare, que foi buscar em Verona e em Romeu e Julieta o ambiente e os veículos da expressão de uma grande paixão, como se o cenário inglês fosse adverso a sentimentos tais. Morgan, nos dias presentes, ama na França, na Itália, na Holanda, mas não na Inglaterra. Graham Greene é outro grande emigrante, e Huxley também.

O mesmo fez Hawthorne, no seu tempo, com “O Fauno de Mármore”. Viajou para Roma e lá, na Cidade Eterna, através do seu pitoresco e fascinante Conde de Monte Beni, fez viver na velha capital uma das mais extraordinárias histórias de amor de todas as épocas.



Oleo de VAC CHI SERGIO



O RELÓGIO

QUEM É QUE SOBE AS ESCADAS
BATENDO O LISO DEGRAU?
MARCANDO O SURDO COMPASSO
COM SUA PERNA DE PAU?

QUEM É QUE TOSSE BAIXINHO
NA PENUMBRA DA ANTE-SALA?
POR QUE RESMUNGA SÓZINHO?
POR QUE NÃO COSPE E NÃO FALA?

POR QUE DOIS VERMES SOMBRIO?
PASSANDO NA FACE MORTA?
E O MESMO SÓPRO CONTINUO
NA FRINCHA DAQUELA PORTA?

DA VELHA PAREDE TRISTE
NO MUSGO ROÇAR MACIO:
SÃO HORAS LEVES E TENRAS
NASCENDO DO SOLO FRIO.

UM PUNHAL FERIU O ESPAÇO...
E O ALVO SANGUE A COTEJAR,
DESTE SANGUE OS MEUS CABELO
PELA VIDA HÃO DE SANGRAR.

TODOS OS GRILOS CALARAM
SÓ O SILÊNCIO ASSOBIA;
PARECE QUE O TEMPO PASSA
COM A SUA CAPA VAZIA.

O TEMPO ENFIM CRISTALIZA
EM DIMENSÃO NATURAL;
MAS HÁ DEMÔNIOS QUE ARPEJAM
NA ARESTA DO SEU CRISTAL.

NO TEMPÓ PULVERIZADO
HÁ CINZA TAMBÉM DA MORTE
ESTÃO SERRANDO NO ESCURO
AS TÁBUAS DA MINHA SORTE.

IOAQUIM CARDOZO

A caracterologia — uma nova ciencia

Uma palestra com o professor Le Senne, o mais original dos filósofos franceses contemporâneos — Cultivar a confiança no homem é a missão da filosofia

PARIS, abril — (Via Scandinavian Air Lines) — Com a morte recente de Lavelle, o professor Le Senne tornou-se o mais vivo, o mais vigoroso e o mais original dos filósofos franceses contemporâneos. Conheço-o de longa data, tendo sido seu aluno na Sorbonne, podendo então apreciar, três vezes por semana, o seu extraordinário talento. Uma palavra envolvente, rápida, coleante como um rio que lança um braço do lado direito, outro do lado esquerdo, sabendo depois reunir ambos, no mesmo curso, e engrossando cada vez mais as águas. Uma voz persuasiva, pontuada por gestos que são como flechas indicadoras, signos que tendem em geral para o alto, para o absoluto.

Há muito tempo que não temos publicado em "Letras e Artes" nenhuma entrevista com filósofos. Há três anos, visitamos Heidegger, Jaspers, Wahe, Sartre, Russell, Bachelard, traçando, assim, da filosofia contemporânea um verdadeiro panorama, através da voz dos seus mais autorizados representantes.

Eis-nos, agora, em presença de Le Senne. Há uma penumbra no seu gabinete de trabalho e o ar já vibra com as grandes frases que ele vai pronunciar.

DEFINIÇÃO DA CARACTEROLOGIA

— Sua especialidade, o eixo em que o senhor funda sua filosofia é a caracterologia. Pode defini-la para os que ainda não a conhecem?

— A caracterologia é o conhecimento objetivo dos caracteres, da natureza e da influência dos mesmos. O caráter é a subestrutura congênita, feita de disposições hereditárias do indivíduo. No homem, ele é anterior à história do indivíduo, é o que o condiciona, o elemento permanente, que resiste a todas as transformações, todas as mudanças. A individualidade compõe-se, podemos dizer, de dois elementos essenciais: a história e o caráter, sendo que o primeiro se enxerta neste último, especificando-o por aquisições devidas às aventuras e às decisões do indi-

víduo. O indivíduo não é responsável pelo seu caráter, pois que o recebeu ao nascer, sem para isso haver contribuído de qualquer forma. Mas será responsável pela individualidade que ele forma, servindo-se do caráter desta ou daquela maneira. Um homem é um "eu" que, na situação definida pelo seu caráter congênito, vai receber e fazer uma individualidade. Quanto à personalidade é tudo que, no seio da individualidade, do "eu", manifestará sua "visée" de valor e o acesso a esse valor visado por ele.

A ANÁLISE DOS CARACTERES

— Que pensa dos diversos métodos de análises dos caracteres?

— São tão diversos de país para país, da mesma maneira por que diferem os cidadãos desses países. Entre o método francês e o método americano há a mesma diferença que separa o homem francês do homem americano. O americano se empenha, por meio de testes, em descobrir o que o homem faz ou é capaz de fazer. Nós, franceses, procuramos descobrir o que o homem é e sente. Nossas concepções do homem são diversas. Os diferentes métodos empregados são, porém, tanto de um lado como do outro, superficiais. O teste, sobretudo, dá resultados medíocres, pois aquele que é submetido a ele, estando prevenido, pode defender-se e falsear a prova.

O FIM DA CARACTEROLOGIA — E quanto ao fim da caracterologia?

— Fornece ela a subestrutura do nosso destino?

lores eternos desencarnados, independentes. O materialismo não reconhece outro valor senão o desejo imediato de satisfazer, a necessidade de determina-

LOUIS WIZNITZER



O filósofo Le Senne, em palestra com Louis Wiznitzer

individual. Auxilia a compreender a vida, pois compreender um destino individual é esposar um movimento, um complexo vivo de dialéticas, pelo qual um homem se conduz na direção do seu futuro. A caracterologia é a gramática da individualidade. Conduz ela à axiologia, que é a teoria dos valores.

— Creio que a teoria dos valores é o cimo de sua filosofia. Tem ela algo de comum com as idéias de Platão?

— Platão supõe os valo-

do instante. Creio que os valores existem de maneira eterna, mas que não se atualizam, não tomam vida e corpo senão quando são "visados" e atingidos pelo homem. Não podemos inventá-los, mas é preciso descobri-los. O homem não impedirá dois mais dois de serem quatro, mas enquanto ele não verifica o total de uma cifra como um milhão e duzentos mil, essa cifra, que existe, é intransformável, não possui nenhuma existência real. É "visando" os valo-

res que o homem dá um sentido à vida, e é "visados" pelo homem que os valores se tornam reais.

O PRIMADO DA MORAL

— Existe em filosofia o primado da moral?

— A moral é o movimento, a "demarche" pela qual toda consciência toma uma direção. Precisamos conceder-lhe o mais alto valor. A moral não se limita, aliás, ao "visto" do bem. Liga-se ela a todas as outras "demarches" do espírito para o belo, para a coragem, para a vida, para o amor. A moral é preciosa na mocidade, e mais preciosa ainda na maturidade. Deve ela ampliar-se na filosofia geral. Há em filosofia um primado da moral, sim, mas de ordem cronológica. Direi, aliás, que a moral não pode prejudicar a moralidade, e que há uma maneira de "visar" para o bem que é má do ponto de vista moral. Foi o que Kierkegaard, durante toda vida, tentou definir. A vida humana se caracteriza pelo conjunto de reconhecimentos e de "demarches" que fazemos para atingir, para lá do obstáculo que dele nos separa, um valor que não conhecemos ainda em sua plenitude, que presentimos, e que nos encherá de alegria quando o atingirmos. O valor nos faz tocar o absoluto, e por ele se manifesta a presença de Deus no mundo.

A VOGA DO EXISTENCIALISMO PASSARÁ

— Que pensa o senhor do existencialismo?

— Compraz-se ele em mostrar o lado macabro da vida, regozija-se com o que é obscuro e triste. Conheceu nestes últimos anos, certamente, uma grande voga, porque soube resumir e representar a onda de pessimismo que envolveu a humanidade nos últimos anos que precederam a guerra e continuaram depois a ensombrá-la. Mas não creio, absolutamente, na justiça de suas teses. Sim, Heidegger é um filósofo mais autêntico que Sartre, mais sério que este. Sartre está longe de ser um verdadeiro filósofo. Compôs romances em torno de algumas idéias filosóficas, isto, sim; mas isto não é filosofia, no sentido exato do termo. Creio, afinal, que a voga do existencialismo vai passar muito rapidamente.

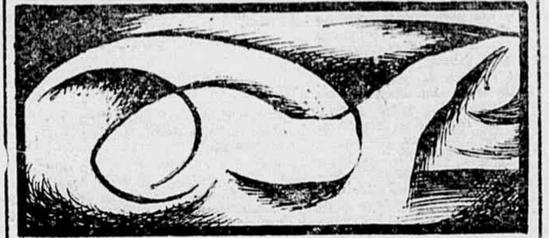
O PROBLEMA DA LIBERDADE

— Sua posição diante do problema da liberdade?

— Não sou nem como os materialistas, inclinados a verem o homem como um aparelho, um mecanismo perfeitamente determinado, privado de liberdade, funcionando num automatismo biológico-físico. Não me inclino a ver o homem, nem como Sartre — como uma liberdade total que pode libertar-se de tudo, menos da liberdade, e creio que há no homem uma parte determinada e uma parte livre: essas duas partes lutam e colaboram, ao mesmo tempo, formando a vida humana. Não se trata de negar nem o lado biológico, nem o lado livre do homem. Essa luta faz o sentido e o valor de uma vida. A liberdade que encontra o obstáculo e vence-o.

— Qual a missão do filósofo?

— O filósofo tem por missão cultivar a confiança do homem, distinguir as condições caracterológicas que perturbam a expansão do homem e denunciar a parcialidade da técnica e da ciência, limitar o Estado à sua função própria, que é manter a ordem e propagar um espírito de tolerância e liberdade.



NA CARREIRA DO VENTO

LÁ VEM O VENTO CORRENDO
MONTADO NO SEU CAVALO.
NAS ASAS DO SEU CAVALO
VEM UM MUNDO DE VASSALOS,
VEM A DESGRAÇA GEMENDO,
VEM A BONANÇA SORRINDO
VEM UM GRITO REBOANDO.
REBOANDO, REBOANDO.

LÁ VEM O VENTO CORRENDO
MONTADO NO SEU CAVALO
NAS ASAS DO SEU CAVALO
VEM A TRISTEZA DO MUNDO,
VEM A CAMISA MOLHADA
DE SUOR DOS DESGRAÇADOS,
VEM UM GRITO REBOANDO,
REBOANDO, REBOANDO.

LÁ VEM O VENTO CORRENDO
MONTADO NO SEU CAVALO.
NAS ASAS DO SEU CAVALO
VEM UM MUNDO AMANHECENDO
VEM OUTRO MUNDO MORRENDO.
LIGANDO UM MUNDO A OUTRO MUNDO
VEM UM GRITO REBOANDO.
REBOANDO, REBOANDO.

LÁ VEM O VENTO CORRENDO
OS SECULOS CORRENDO ATRAZ.
LÁ VEM UM GRITO DE DEUS
E UM GRITO DE SATANAS.
LIGANDO UM GRITO A OUTRO GRITO
VEM O VENTO REBOANDO,
REBOANDO, REBOANDO.

LÁ VEM O VENTO REBOANDO
COM SEUS CAVALOS MOTORES
VOANDO NOS AVIÕES,
LÁ VEM PROGRESSO, POEIRA,
CARREIRA, VELOCIDADE.

LÁ VEM NAS ASAS DO VENTO,
O LAMENTO DA SAUDADE
REBOANDO, REBOANDO.

LÁ VEM O VENTO CORRENDO
MONTADO NO SEU CAVALO.
QUEM VEM AGORA É UM MENINO
MONTADO NO SEU CARNEIRO,
PARAI, Ó VENTO, DEIXAI
REPOUSAR O CAVALEIRO.
MAS O VENTO VEM DANÇANDO
REBOANDO, REBOANDO

JORGE DE LIMA

ARTISTAS BRASILEIROS NO MUSEU DE ARTE MODERNA

SANTAROSA

Há muito tempo não se vê, reunidos numa exposição altamente expressiva, tantos nomes, realmente representativos das tendências atuais da pintura brasileira. O Salão Nacional de Belas Artes, até então, a mostra mais importante das artes do País, jamais tendo realizado esse acôrde harmonioso, cede, por sua vez, sua própria importância, ao Museu de Arte Moderna, integrado nas legítimas atividades de estímulo e desenvolvimento das nossas artes plásticas. O Salão tornou-se uma mostra escolar. O Museu promove a exibição de obras de artistas realizados, dirigindo

o público, numa informação variada e constante. Do conjunto de quase duzentos trabalhos de pintura, escultura, desenho e gravura, pode o visitante levar uma noção das forças que atuam no meio artístico brasileiro, das escolas e tendências que firmadas ou em experiência tentam enriquecer o campo das nossas atividades plásticas. Assim, contando com a colaboração dos maiores nomes, pôde o Museu oferecer um panorama bastante rico, que permite observar e admirar obras de artistas de excepcional importância na história das nos-

as artes, tais como Portinari, Segall, Tarsila, Bruno Giorgi, Brecheret ou Di Cavalcanti etc. A presença desses artistas, cujas realizações marcam etapas positivas em nossas conquistas artísticas, além de prestigiar essa mostra valiosíssima, vem se dar, exatamente, e numa visão objetiva a orientação do rumo pelo qual se têm norteado as pesquisas da nossa arte plástica. Junto desses nomes prestigiosos estão os mais novos como Bandeira, Serra, Darel, Yllen Kerr, Mario Cravo ou aqueles de uma geração intermediária, representados por Iberê Camargo, Burtle Marx, Milton Dacosta,

Maria Leontina, todos em pleno desenvolvimento na criação artística. O mais significativo nessa Exposição é, sem dúvida, o aspecto de vitalidade que ela suscita, bem diverso daquela imitação fria e cinzenta que se desprendia da nossa representação na Bienal de São Paulo. Um critério de seleção, o intuito de obter uma certa unidade no espírito da mostra dão o excelente resultado que ali se observa. É uma exposição de artistas vivos, de artistas interessantes, quaisquer que sejam os seus problemas ou os seus rumos. (Conclui na 6.ª pag.)

O INDIANISMO DE TAUNAY

UM ASPECTO AINDA NÃO ESTUDADO DO AUTOR DE "INOCENCIA"

BRITO BROCA

QUANDO nos referimos ao indianismo na literatura brasileira, lembramo-nos apenas dos nomes de José de Alencar, na prosa, e Gonçalves Dias, no verso, esquecendo que em torno deles gravitaram muitas figuras de menor valor. O indianismo foi uma verdadeira moda aqui, entre 1860 e 1880, mais ou menos; sendo de notar que até um português, Pinheiro Chagas, teve a idéia de escrever um romance no gênero, de pura fantasia, "A Virgem Guaraciaba", com o qual pretendeu, talvez, fazer concorrência ao êxito do "Guaraní". Vários romancistas secundários, cujas obras só podem ser assinaladas hoje por pesquisadores bibliográficos, surgiram na época, seguindo as pegadas de Alencar e arquitetando histórias com índios apaixonados. Bernardo Guimarães, como se sabe, também explorou o tema no "Ermítão de Muquem", no "Índio Afonso" e em "Jupira", novelas todas elas baseadas em substratos históricos, à semelhança do "Guaraní".

Ora, todos esses selvagens, a começar pelos de Alencar, eram puramente imaginários, não refletindo nenhum conhecimento direto do nosso índio. Alencar, na viagem que fez em 1845, do Ceará à Bahia, através do sertão bruto, talvez tivesse tido ocasião de ver pelo caminho, alguns índios; mas com seis anos de idade apenas, de nada lhe poderia valer a observação para os personagens que iria criar futuramente. E Bernardo Guimarães, embora apreciasse muito as caminhadas pelos sertões, boêmio que sempre foi, não é de supor que em tais jornadas chegasse a conviver com selvagens. Todos os pintavam de imaginação, idealizando-os, e Alencar fazia melhor do que todos porque era mais poeta, mais artista.

No entanto, houve um escritor na época que também pagou um pequeno tributo ao indianismo, apesar do completo esquecimento em que ficou esse reduzido setor de sua obra. Refiro-me ao Visconde de Taunay. Enquanto se multiplicam as edições de "Inocência", "Retirada da Laguna", "Encilhamento" de tão fecundo autor, ninguém até hoje se lembrou de reeditar o volumoso "Histórias Brasileiras", que, sob o pseudônimo de Silvio Dinarte, Taunay publicou em 1874. Não será uma de suas melhores obras, mas possui a particularidade de revelar o escritor sob um aspecto em que ele é quase desconhecido: o do indianismo. Figuralam aí dois contos, tendo como protagonistas selvagens: "Irecê e Guaraná" e "Camirã e Kinikiniã".

Li esses contos há muitos anos e tive a impressão de que Taunay reproduzia episódios por ele presenciados e vividos. Privara, naturalmente, com os índios durante a trágica expedição libertadora de Mato Grosso, de que resultou o desastre da Retirada da Laguna e falara dos mesmos com conhecimento de causa. Nas páginas das "Memórias", publicadas em 1948, minhas conjecturas se confirmaram plenamente. "Irecê e Guaraná" será mesmo a transposição romanesca de uma aventura amorosa do jovem tenente Esrangnole com uma índia, às margens do Aquidauana, perto do porto de Canuto. Durante a guerra do Paraguai foi frequente o costume de oficiais e soldados em campanha se faziam acompanhar de concubinas, mestiças e mesmo índias, que se avizinham dos acampamentos e seguiam muitas vezes os amantes, participando com estes das agruras da jornada.

Nas páginas 282-284 das "Memórias", Taunay conta-nos de como ficou embeaçado por uma índia: a Antonia, "bela rapariga da tribo chooronó. Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de quinze para dezesseis anos de idade,

tinna rosto oval, cutis fina, tez mais morena desmalhada do que acabocada...". Não reproduzirei toda a descrição, em que se sente o idealizador de "Inocência". Essa índia, juntamente com a família, viera para o acampamento por determinação do tenente Lili, seu amante, que a mandara buscar. Mas logo ao vê-la chegar, Taunay fica fascinado e não reluta em desmanchar a combinação do colega e apoderar-se da beleza selvagem. Descreve-nos ele, minuciosamente as complicadas e pitorescas negociações em que entrou com o pai da índia, por intermédio de um sargento. O velho mostrava-se exigente e a própria Antonia relutava em abandonar o Lili. Apoixonado, Taunay abriu mão de uma quantia e de prendas que escandalizaram o sargento para quem todas as "índias juntas e mais algumas brancas por cima" não valiam aquele despotismo de "cobreira".

Afinal, resolvida a questão, o jovem só teve a temer desde então uma justa represália do Lili, sobre a qual o advertira o próprio tio da índia. Fracassada uma tentativa de vingança do amante ofendido, Taunay pôs-se a desfrutar regaladamente do conchego da doce criatura e ela não tardou também a afeiçoar-se por ele. Foram dias magníficos de amor, em plena natureza tropical, malgrado os perigos que o rodeavam. O romance não podia durar muito tempo; a índia é obrigada a abandoná-lo em determinado passo da expedição e Taunay segue para frente, a sofrer os tormentos que nos descreve nas páginas da "Retirada da Laguna" e das "Memórias". E quando, consumada a trágica jornada, sente-se ele, com os companheiros sobreviventes, livre e salvo, ao se encaminharem, de volta, para o porto de Canuto, alvoroça-se todo com a possibilidade de tornar a ver a sua "querida Antonia". Mas logo recebe a incumbência de fazer o relato minucioso da expedição e ser portador do mesmo ao Rio. Era a perspectiva de abraçar os pais, de retornar ao lar, de matar enfim as saudades! "Riscou-se-me a Antonia de todo da idéia" — diz ele. E partiu,

sôfregó, varejando léguas e léguas de sertão bravo, em demanda da corte. Mas a Antonia não havia de ficar-lhe inteiramente esquecida. Um cantinho da memória estaria reservado para a evocação daquela aven-



Visconde de Taunay

tura amorosa. Que seria feito da índia, tão dedicada? E naturalmente, como um exutorio para essas lembranças, escreveu ele o conto "Irecê e Guaraná". O enredo é muito simples. Dois amigos separam-se perto da vila de Miranda, em Mato Grosso, sendo que um deles, atacado de febre, procura abrigo na cabana de um velho índio Kinikiniã, conhecido como mandingueiro. O velho possui uma neta encantadora, Irecê, e é ela quem trata carinhosamente do hóspede, por este se apaixonando. Segue-se o idílio, a troca de juras; mas o jovem tem de partir um dia, deixando inconsolável a índia que morre de amor. O desfecho é romântico. Talvez Taunay tivesse mesmo imaginado a possibilidade da bela Antonia haver morrido de saudades, embora seja de supor que, na realidade, ela se houvesse esquecido bem depressa do jovem tenente dos cabelos anelados, da mesma

maneira por que se esquecera do Lili.

O outro conto indianista do volume, "Camirã e Kinikiniã", constitui um episódio da invasão paraguaia em Mato Grosso, coisas que o escritor, de certo, ouviu contar e engenhosamente romantizou. Digo ouviu contar, porque se trata de cenas anteriores à chegada da expedição libertadora, como a resistência do tenente Antonio João no forte de Dourados. E o índio aparece no decorrer dessas passagens em atitudes cavalheirescas e nobres, à semelhança dos heróis de Alencar. Pois aqui está o ponto essencial da questão: saber se Taunay, pelo fato de haver conhecido os selvagens, os retratou com menos idealismo do que os outros escritores indianistas, principalmente Alencar.

Na página 229 das "Memórias", increpa ele, justamente o autor do "Guaraní" de não conhecer a natureza brasileira, que tanto pretendia reproduzir, nem dela se achar imbuido, descrevendo-a do fundo do gabinete, mais por lembranças de leitura do que com o que vira pelos próprios olhos. "Parecendo muito nacional — diz Taunay — obedecia mais do que ninguém à influência dos romances franceses". E por aí acusa-lhe os selvagens de factícios, "heróis de verdadeiras fábulas, oriundos dos "Natchez", "Atala" e "René", a falar com linguagem poética e figurada de exuberância e feição oriental". Quanto a ele, Taunay, convivera seis meses a fio com os selvagens, e pudera apreciá-los detidamente, chegando à conclusão de não serem como Alencar os pintou e os fez falar. "De certo, tinham fraseologia por vezes pitoresca, mas daí a conversações toda de tropos e elegantes imagens há um mundo".

Resente-se por isso Taunay da tendência do público para atribuir-lhe a feição de amador; quando ele, ao contrário de Alencar, tem escrito mais com a experiência, do que viveu e conheceu, do que com que leu e imaginou, realizando assim — é o que se conclui de suas palavras — obra mais sincera.

Não resta dúvida de que o sertão de Taunay distancia-se, pela verossimilhança, do sertão fantástico de Alencar, o que levou Otto Maria Carpeaux a colocar o autor de "Inocência" no rol dos realistas. Mas se a paisagem natural é verdadeira, e os diálogos possíveis, sem o fraseado convencional dos heróis alencarianos, Taunay ainda continua romântico pelo enredo, as situações em que coloca os personagens e, sobretudo, a áurea idealista em que os envolve. Tal o que se dá com "Inocência" e o que se verifica nos dois contos indianistas das "Histórias Brasileiras". Irecê é irmã gêmea de Inocência, e Taunay nela revivendo a bela Antonia, reviveu-a naturalmente, num esbatido romântico, fazendo-a morrer de amor. E quanto aos índios — pelo que ele mesmo nos conta nas "Memórias" do pai de Antonia — nos leva a supor não serem tão cavalheirescos e nobres, como aparecem no conto "Camirã e Kinikiniã", aproximando-se por aí dos heróis de Alencar.

PREMIOS NACIONAIS DE LITERATURA, DE CIENCIA E DE ARTE

O SUBSTITUTIVO DO DEPUTADO JORGE LACERDA AO PROJETO OSVALDO ORICO INSTITUI PREMIO NO TOTAL DE TREZENTOS MIL CRUZEIROS

COMO já é do conhecimento do público, o deputado Osvaldo Orico apresentou a consideração da Câmara Federal, um projeto instituindo o "Prêmio Nacional de Literatura", no valor de cem mil cruzeiros, destinado a premiar anualmente o autor brasileiro que houvesse publicado em qualquer gênero literário obra de grande relevo. A esse projeto, que foi aliás recebido com os maiores aplausos em todo o país, o deputado Fernando Ferrari ofereceu uma emenda, estabelecendo, em lugar do "Prêmio Nacional de Literatura", o "Prêmio Nacional de Ciência e Literatura", na importância não mais de cem mil cruzeiros e sim de duzentos mil, destinados, em partes iguais, aos autores brasileiros de obra literária e científica de real mérito.

Cabendo ao deputado Jorge Lacerda as atribuições de relator do projeto, na Comissão de Educação e Cultura, apresentou este um longo parecer, em que, depois de examinar detalhadamente a forma mais prática e eficiente da concessão dos referidos prêmios, externando-se com muita segurança no assunto, propôs ao projeto de Osvaldo Orico o substitutivo que abaixo transcrevemos e que já mereceu aprovação da Comissão de que faz parte o fundador e antigo diretor de LETRAS E ARTES:

SUBSTITUTIVO AO PROJETO DE LEI N. 1.069, DE 1951

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º — Ficam instituídos, no Ministério de Educação e Saúde, o Prêmio Nacional de Literatura, o Prêmio Nacional de Ciência e o Prêmio Nacional de Arte, com a finalidade de premiar, anualmente, pelo conjunto de sua obra, o autor brasileiro que houver apresentado, em cada uma dessas atividades criadoras contribuição julgada substancial.

Art. 2.º — Fica estabelecida a importância de Cr\$ 100.000,00 (CEM MIL CRUZEIROS) para cada prêmio.

Art. 3.º — A concessão dos prêmios será regulamentada, no prazo de noventa dias, pelo Ministério da Educação e Saúde.

Art. 4.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala da Comissão de Educação e Cultura, maio de 1952.

(a) — JORGE LACERDA — Relator.



Exposição do Teatro Gibi — Iniciativa das mães curiosas foi a Exposição de Bonecos de Teatro Gibi, promovida pelo Serviço de Teatros e Diversões do Departamento de Educação de Adultos da Prefeitura do Distrito Federal. Trata-se de uma criação artística da professora Iolanda Fagundes que vem formando um grupo de técnicas no manejo desses bonecos, cujo número já sobe a trezentos, fazendo parte do repertório as mais interessantes "frescos" de sentido educativo e brasileiro. Damos acima a fotografia de alguns dos homens típicos que figuraram na exposição.

UMA ESTRUTURA DE ROMANCE

FAUSTO CUNHA

MEMÓRIAS de Lázaro" é sobretudo uma estrutura sólida e compacta, e lida a última frase, colocado o último tijolo, o edifício alcantila-se como um monólito, sem protuberâncias mas também sem paráclases.

Escreto por um romancista cuja atividade criadora tem sido tão espaçada que muitos já nos acostumamos a ver nele, em primeiro lugar, o crítico áspero e severo, o trabalho do ficcionista sofre a vigilância ininterrupta do crítico. A rigor, não denota possuir nenhum vocábulo, nenhum período, nenhuma página ou situação que não tenha passado pelo crivo lento e impiedoso do analista; e defeitos, se os tem o romance, o crítico os terá localizado bem antes de qualquer leitor.

Eis, pois, um livro que já nasce zombando da crítica judicativa, parteira celibatária que olha todas as obras como recém-nascidos cuja existência depende de seu veredicto profissional. Quanto ao impressionismo, o clima e o desenvolvimento verbal não permitem devolução de emoções, não oferecem possibilidade alguma de síntese, exceto a do próprio livro, e qualquer referência que se lhe faça no estilo oficial é gratuita, marginal e inoperante. Mas que material peregrino para quem enxerga na obra de criação um organismo vivo, cujas partes ativas precisam ser esculpidas! Para quem sabe exatamente que o estudo metódico das peças atuantes de um mecanismo pode conduzir, com maior precisão, ao conhecimento do mecanismo inteiro, de suas funções, qualidades e virtualidades! É, por exemplo, o que está fazendo Bráulio do Nascimento, num esforço ainda obscuro e penosíssimo, porque sem o brilho da rotina e sem a superficialidade doutoral de toda a nossa crítica militante, — ao tentar injetar, em nosso ensaísmo, o sangue da seriedade que somente circula nas letras estrangeiras. Parece estático e frio o seu maquinismo unicamente aos que lhe não podem abarcar o dinamismo intrínseco e a energia exata das engrenagens e dos êmbolos. Pioneiro, encerra Bráulio do Nascimento a fase colonial de nossa crítica literária.

Não é na primeira leitura que "Memórias de Lázaro" nos oferece sua face definitiva. Insta deixar passar a inquietação do entrecho, a ansia das revelações, para em seguida penetrar, direi a frio, no universo desgarrado de suas páginas. Obra de que se não pode omitir uma palavra, onde até as vírgulas têm incumbência de relevo, certas frases que nos escaparam, certas palavras cujo sentido e função nos fugiram na tomada inicial de contacto, aparecem com uma feição nova, que o interesse no andamento do tema não permitira vislumbrar.

Adonias Filho desdenha do fato, do histórico, do anedótico; o narrativo, para ele, inexistente, não pela natureza confessional do romance; não por paradoxal oposição às muitas narrativas que contém, algumas até um conto à parte, como o relato do Terto; nem, ainda, porque a estrutura se alicerça no encontro subterrâneo das narrativas, não sendo "Memórias de Lázaro" um romance linear, e demonstrando, o seu autor, um domínio completo do "flash-back" e um senso de "décompage" apuradíssimo; — inexistente, sim, porque é um romance de dentro para fora, que perde o impulso ao contacto do exterior. Não fora assim, e seria apenas uma "exploded view" deste ou daquele personagem. É-o, de certo modo, se se considerar que Adonias Filho coloca todas as peças do drama com que simamos a sua colocação e sem depois anunciar-nos que a construção está feita. É-o, de certo modo, se se diz: ou, diante do criador, a "exploded view" está nitida, nitida como planificação e não em objeto; o objeto, este se

vê, diante do leitor, íntegro e montado como um projétil.

Conseguiu Adonias Filho a unidade estrutural que, até hoje, ainda falta a Cornélio Penna. É que o romancista de "Fronteira", na sua obra de consistência eclegmática, tem a sublimação de sua incapacidade de narrar, de juntar os fatos em novelas e desfilá-los, e substitui o seu primário mecanismo de estabilização por um complexíssimo sistema de penetração medular. Ao passo que, no autor de "Os Servos da Morte", a construção obedece a princípios e determinações rigorosamente conscientes, prosaicas, penetrando o criador na criação como uma vibradora elétrica no solo. Cornélio Penna vai além do acontecimento e, indo além do acontecimento, vai também além da palavra, caindo numa poesia solene, hierática, o que torna seus livros densos, irrespiráveis, indecifráveis na sua estruturação psicológica. A existência, no romance de Cornélio Penna, é o mergulho na problemática da consciência humana. Pura ilusão acreditar que leu o autor de "Repouso" quem o tenha lido apenas uma vez, quem não seja capaz de amá-lo e de adentrar os seus livros com a renúncia de todos os pressupostos, quem não seja capaz de sobre-nadar a maré-montante das palavras. Porque, mesmo nessa obra-prima de todas as literaturas que é "Fronteira", mesmo nesse prodígio gótico que é "Repouso", não consegue Cornélio Penna sofrear o caudal amazônico dos vocábulos que, inanes para representar o drama interior da vida, cuja formulação transcende da linguagem humana (eis que é projeção do silêncio), se derramam por suas páginas, transformando algumas delas em partituras de canto-chão.

Já nas "Memórias de Lázaro", em momento algum traem

as palavras o autor ou lhe re-fogem. Adonias Filho não somente construiu o romance. Construiu, também, a linguagem com que elaborou o romance. Construiu a sintaxe com que o argamassou. É como resultado, uma linguagem inespontânea, uma sintaxe híbrida, um vocabulário neutro — de que ele arrancou essa coisa verdadeiramente rara em nossa literatura de papel carbono, onde tantas vocações ainda naufragam no terra-a-terra e no falso-poético: um estilo. Desagradável, por vezes, acho-o eu. Mas um estilo, algo além das contingências do agrado e desagradado.

A formação desse estilo é complexa e assinala o alto grau de domínio da linguagem que possui Adonias Filho. Por baixo da facilidade com que escreve a leitura, está um estilo acepillado e laborioso. Dure, de certas feitas; doutras, rígido. Dêle extrai o romancista, até, rasgos de poesia (observe-se como, em especial nas primeiras páginas, há períodos inteiros que podem ser dispostos em forma de poema, não lhes faltando mesmo rimas exatas e assonâncias). A abertura das "Memórias de Lázaro" é de uma perfeição estilística excepcional, e ficará entre os melhores recortes da prosa contemporânea. É verdade que lhe falta o ritmo interior que sobra a Cornélio Penna, a Clarice Lispector, a Lúcio Cardoso, a Dinah Silveira de Queiroz de "Margarida La Rocque". Não tem Adonias Filho a compleição lírica, a exuberância verbal, o dom de construir no vazio (clariceano típico), direi mesmo a sensibilidade poética que, por vezes, se nos depara num romancista grosso como Jorge Amado — mas, em contrapartida, sobeja-lhe um conhecimento exato do valor da palavra, a noção matemática de sua força, a ciência da interação

dos vocábulos e um poderio retórico que quase lhe supre todas as deficiências estilísticas.

Os adjetivos, nas "Memórias de Lázaro", são abundantes, sem ter contudo a importância de que fruem, por exemplo, em Cornélio Penna, quando aparecem como elementos de equilíbrio rítmico. Outrossim, como em Cornélio Penna, os advérbios em mente são copiosos. Nalguns trechos (v. g., págs. 35 a 39), atropelam-se e repetem-se. Será curioso observar como toda a ação do livro é marcado pelos advérbios novamente e finalmente. Não há a riqueza de "Repouso", pois que são sempre funcionais: novamente, finalmente, exatamente, definitivamente, precisamente, rigorosamente, inteiramente, imediatamente, fatalmente, perfeitamente, raramente, lentamente, inutilmente. O isolamento e a justaposição desses advérbios nos sugerem que eles são mais de crítico do que mesmo de romancista. Um confronto (inclusive dos adjetivos) entre "Memórias de Lázaro" e "Repouso" talvez transformasse tal sugestão em coisa mais sólida. Se a visão do romancista inato não é a mesma do crítico inato, um estudo porventura realizado, como o quis Maxime Chastaing para Virginia Woolf, do vocabulário, da pontuação, das imagens, poderia colocar-nos diante dos problemas de espaço e tempo, de realidade e consciência, e mesmo da filosofia de cada um. Notemos, apenas de passagem, que, no romancista de "Fronteira", as situações e reações se equacionam tumultuosamente, enquanto que, no romancista de "Memórias de Lázaro", por vezes se nos dá apenas um registro, uma indicação sumária e irre-corrível.

Não há, nas "Memórias de Lázaro", propriamente angústia. Há, sim, o ódio. Um ódio generalizado, quase infuso, um

ódio hereditário e cego, que se transmite por contágio de personagem a personagem. O ódio que vem de Abílio, que está em Alexandre, que alimenta Rosália, que excita todo o Vale do Ouro. O ódio que sopra no doído vento, que agita os cavalos selvagens, sacode o pó da estrada e apodrece o canal. Um ódio que pode parecer injustificado e mesmo absurdo, como todos os sentimentos gratuitos. A nós, que nos habituamos à conformação e à incoerência pacífica, as reações absolutas surpreendem. Encontramos, na supressão de todas as nossas liberdades, um meio de apaziguar a natureza e o ambiente que nos guerreiam. É um ódio à solta, que vai refletir-se na própria bondade animal de Jerônimo, na entrega perene de Natanael, no sacrifício de Roberto. Dois sentimentos antagônicos, dos quais a bondade será sempre o mais perigoso. O ódio de Alexandre conserva-o inocente, ao passo que a inocência de Rosália (a princípio), de Jerônimo e de Roberto espalha a violência no Vale do Ouro.

Esse ódio é bem o complemento, se não o motor, do determinismo inscrito no pensamento de Alexandre, aliado a um racionalismo psicológico, um pouco superficial, é verdade (não esteve, suponho, nas cogitações do romancista). Será, portanto, supérfluo acrescentar que, nas "Memórias de Lázaro", não há Deus. De todo em todo ausente do livro, nem mesmo essa ausência é fundamental. Acentua-o bem aquela benção costumeira de Jerônimo, que pontua o romance: Vá com os poderes da sorte! Da sorte, não de Deus, como na expressão usual. Aboliu Adonias Filho todo e qualquer referência mística, religiosa ou mesmo litúrgica. Abolir não é o verbo exato, porque abolir é tirar. Deus, simplesmente, não houve. Nem Deus nem substituto. Sabemos que a região dentro da qual se desenrola o drama de Alexandre é católica. O protagonista há-de ter visto igrejas, féis em oração, ou pelo menos ouvido blasfêmias. Mas nem isso.

A única menção de um poder superior, de algo além dos sentimentos primitivos do Vale do Ouro, exprime não só uma absoluta ignorância, absoluta indiferença por sua natureza, como sobretudo a impotência que explicaria o ódio cego e desabalado: "Acima de mim, porém, num desrespeito abominável pelo que eu devia ser — em absoluto estado de pureza, alguém determinara". Apesar disso, porém, apesar desse instantâneo abrir de cortina, o céu que há nas "Memórias de Lázaro" é baixo e opressor, um céu material, sem possibilidade alguma de transcendência.

Partindo desse determinismo, ou antes, desse fatalismo, embebido desse ódio contra tudo e contra todos, e não encontrando razão de ser alguma para a angústia, resta ao personagem de Adonias Filho procurar o caminho da sobrevivência na força, na violência e no extermínio. "Nascemos para matar!" — "Ser fraco é morrer na força!" — "Os homens não perdoam os inocentes!" são pensamentos que se atrainem e se completam, dentro de uma ordem de idéias que Adonias Filho não chegou sequer a cobrir no romance, mas que, à vista do leitor, se concretam e se fortalecem na solidéz de seus atos. "Você precisava tornar-se forte como uma besta, agressivo como uma cobra batida, para sobreviver"... E logo sabemos que essa sobrevivência é inútil, vazia, sabemos que Alexandre apenas sobreviveu para esbrir de volta os passos do pai até à morte, sobreviveu, em suma, para não viver.

O livro corre dentro de um plano alegórico, para o que terá contribuído, particularmente, a linguagem, com a supressão de "se" e de "que", o emprego comatadário de verbos



Xilogravura de EMILIO VERA

(Conclui na 12.ª pag.)

CAOS INTACTO

KEYNALDO BAIÃO

DOIS livros da máxima importância nos foram enviados quase que simultaneamente: "Caos Intacto", de Milton de Lima Souza (Edição do Autor, São Paulo, 1952) e "O Rei menos o Reino", de Augusto de Campos (Edições Maldoror, São Paulo, 1951). Quanto ao segundo, trata-se, sem dúvida alguma, de uma estréia que não deve ser relegada a um segundo plano e da qual trataremos no próximo artigo, com toda a atenção de que é merecedor o referido estreado paulista.

Milton de Lima Souza, ainda que pouco uniforme no tom geral da sua obra, evoluiu consideravelmente de "Abecedário Interior" a "Caos Intacto". Aliás, encarado sob esse ponto de vista, "Caos Intacto" se nos afigura um livro que no seu âmago põe a descoberto uma boa parte da personalidade do seu autor, depois de muita pesquisa nesse sentido. "Abecedário Interior", livro de estréia, e portanto ainda bastante imaturo, é verdade que já mostrava algumas das possibilidades deste jovem, excessivamente introspectivo, mas buscando escapar à confissão pública através de uma prensa originalidade nem sempre muito condizente com o seu verdadeiro modo de ser. Agora, em "Caos Intacto", Milton de Lima Souza volta a enfrentar o mesmo problema, só que desta vez sublimando-o ainda com maior fervor, chegando assim até o absoluto desvario. Sendo incapaz de se entregar totalmente, o poeta em questão procurou escapar de si mesmo, utilizando-se de uma disparatada objetividade que nem sempre funciona dentro dos seus poemas de caráter ambíguo. Ora, ao lado desse objetivismo, que nós classificariamos de imagístico, Milton de Lima Souza colocou a simultaneidade de emoções que encontramos no estilo barroco e no surrealismo da primeira hora. Sua poesia ganhou, deste modo, em originalidade e deformação o que perdeu em sentido plástico e poético propriamente dito; ganhou também em contorsão (v. o André Breton e o Eluard dos primeiros livros) o que perdeu em captação de um sexto sentido, oculto para o próprio poeta e para qualquer de seus leitores de argúcia pouco desenvolvida.

Ora, por mais paradoxal que pareça, o que mais nos impressiona em "Caos Intacto" é o mistério a que aludimos um pouco acima. Todo este volume de versos se nos apresenta vazado de alguma coisa que o poeta esconde aos olhos de seus leitores ("Tranco-me em meu

(Conclusão da 11.ª pag.)

no condicional e no subjuntivo imperfeito e futuro, a anteposição do adjetivo, a supressão de verbos não estruturantes, os hiperbatos, a construção gerundial à francesa (estranha à índole vernácula), a pontuação curta a marcar as pausas e as ênfases, e a reiteração. Os diálogos, raros, têm uma força idêntica à procurada no teatro por Nelson Rodrigues. Neste ponto, devo dizer que, a meu juízo, o recurso buscado pelo romancista na repetição dos "eu digo", "eu peço", "eu juro", não melhorou em nada a autenticidade dos monólogos. Antes lhes deu, aqui e ali, um tom falso. Tais expressões, em nossa língua, não têm a eloquência forte dos monossilabos, de que dispõe, por ex., o inglês. As falas dirigidas ao leitor se anulam justamente pela estrutura do romance. Embora tenham tido a função manifesta de estabelecer uma ponte entre o leitor e o personagem, ou, noutros casos (este, um lance de ousadia, de feição cinematográfico, semelhante, v. g., ao de Sunset Boulevard), de situar o personagem como espectador diante de si mesmo, po-

próprio corpo / A quatro verdades, a quatro chagas trespassadas", mas que esses mesmos leitores procuram descobrir a todo custo. Muitas vezes, para ludibriar, o poeta exclama:

"... Sou fiel à minha própria sombra,
Simultaneamente âncora e confessor ambulante".

Entretanto sabemos que o poeta não é fiel à sua própria sombra; se alguma vez ele foi fiel a sua própria sombra é o foi de tal maneira que não pudemos perceber até que ponto a sua sinceridade foi sinceridade ou mistificação da sinceridade, no sentido empregado por Fernando Pessoa, quando Fernando Pessoa é ele mesmo...

Em "Caos Intacto" a mistificação da sinceridade é a primeira qualidade a ser apontada em Milton de Lima Souza. Justamente por essa razão é que falamos na palavra mistério, tão intrinsecamente ligada à utilização da MENTIRA LITERÁRIA como concepção de arte. Alguns poderão dizer que a idéia não é nova, porém não há nada novo sob o sol que nos alumina. Dessa idéia de mistificação, já usada anteriormente, e de um barroquismo frenético é que é feito "Caos Intacto" — livro chelo de qualidades e de defeitos, como todo livro que se preza.

São os poemas menos exten-

sos aqueles que encontramos mais realizados sob todos os aspectos. O poema número 68, "Relaxamento", "Opressão", "Rosto entre signos", "Limite", "Fosca expectativa", "Monólogo na penumbra", "Orbita do Poeta", "Repouso com malícia", e alguns outros, são pequenas obras-primas, não só de sutileza, porém de síntese e de concatenação poética. Os poemas longos e mais caudalosos transpiram um certo delírio não objetivado em poesia verdadeiramente. O poeta quase sempre se perde em longos devaneios inconscientes, emprestando ao poema uma fatura prosaica. Uma rede muito bem urdida não permite a Milton de Lima Souza uma realização consistente e vertical, caindo o nosso poeta no poema explicativo e alusivo, o que não podemos deixar de reprovar.

Justamente nesses poemas é que mais encontramos a influência de alguns poetas ingleses contemporâneos sobre Milton de Lima Souza, sem mencionarmos a presença constante de Fernando Pessoa, sempre a dirigir e a controlar o que não pode ser dirigido nem controlado "a priori". Muito próximo do autor da "Ode Marítima" está Milton de Lima Souza ao escrever estes versos:

"Meu corpo, ancorado em seus próprios limites,
E' janela desarticulada na terra — filtro de palpitações

Sobras do limbo-coração sobtoposto ao nada";

multo próximo do autor da "Ode Marítima" está o nosso poeta ao escrever estes outros versos:

"Raízes-sopranos chegavam à palpação oclusa
Do meu sentimento (cais de sensações intactas)..."

A pesar de usar uma sintaxe muito semelhante àquela utilizada por Pessoa, Milton de Lima Souza coloca-se igualmente bastante longe do grande poeta português quando emprega certas palavras compostas da sua invenção, como limbo-coração e como raízes-sopranos. Essas palavras, excessivamente herméticas como foram utilizadas, acreditamos que só mesmo o poeta lhes conheça o significado. A junção de palavras de sentido oposto sempre leva a um preciosismo que escapa à nossa inteligibilidade. Ademais, essas palavras compostas, de duplo sentido e de dupla intenção, se repetem através do livro todo, demonstrando haver um cacete no poeta de que estamos tratando. Existe, em diferentes poemas de "Caos Intacto", coisas deste teor: "beijo-pregulça", "comissura-inquietação", "tela-de-beijos", "orelhas pétalas", "bicho-de-sonho", "tempo-chão", "recém-face", num sem fim de palavras compostas que se nos afiguram muitas vezes falsas e de uso positivamente arbitrário. Senão vejamos:

O 6.º ANIVERSÁRIO DE "LETRAS E ARTES" NO PARLAMENTO

(Conclusão da 4.ª pag.)

tra as atividades intelectuais, manter por tanto tempo uma publicação como essa, do melhor nível cultural. Vale acrescentar, Senhor Presidente, que "Letras e Artes" é órgão inteiramente apartidário. Em suas colunas colaboraram e colaboram intelectuais de todas as tendências, como, por exemplo, Alceu Amoroso Lima, Augusto Meyer, Graciliano Ramos, Adalgisa Nery, Portinari, Casiano Ricardo, Gustavo Barroso, nosso nobre companheiro Raymundo Magalhães Junior, etc. Por isso tudo, e especialmente pelos relevantes serviços que tem prestado à cultura brasileira, proponho à Casa, e estou certo de contar com o apoio de todos os nobres e ilustres colegas, um voto de congra-

tulações com "LETRAS E ARTES" e seu Diretor, extensivo à direção e gerência de "A MANHÃ", pelo sexto aniversário de fundação do aludido suplemento de literatura e arte". SAUDAÇÃO DO VEREADOR RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR

O contista e teatrólogo Raymundo Magalhães Junior assim se manifestou sobre "Letras e Artes":

"Existe no Brasil presente-mente tão grande desamor à cultura, às letras e artes, e de tal modo escasseia nos nossos jornais o espaço que outrora era largamente dispensado às manifestações da inteligência, que não se pode deixar de festejar como um acontecimento dos mais significativos um aniversário como este. A orientação eclética deste suplemen-

to, aberto imparcialmente às mais diversas correntes em que se fraciona nosso ambiente literário torna bastante simpático o papel que "Letras e Artes" vem exercendo em nosso meio". PALAVRAS DO VEREADOR PASCHOAL CARLOS MAGNO

O romancista Paschoal Carlos Magno declarou:

"Este suplemento, "Letras e Artes", que celebra seu sexto aniversário, tem sido, além de um veículo da inteligência, um campo para escritores de qualquer tempo ou de qualquer credo. Esse é talvez o maior elogio que lhe podemos fazer. São meus votos que sua missão continue porque, especialmente em suas páginas muito talento novo tem encontrado acolhida e expansão".

UMA ESTRUTURA DE ROMANCE

deriam ter sido retiradas e substituídas por elementos mais adequados à unidade do livro. Justificam o livro, e seu tom deprecatório. Mas é o tom deprecatório que vai quebrar, em parte, a ressonância humana da evocação, a qual é interior e dispensa auditorio. Convém, todavia, não deslembrar que, de certo, o romancista se valeu desses recursos para dar maior ênfase à monologação, para animar a tensão e comunicar um sopro de alegoria e de tragédia, e mostrar como as palavras, ainda as mais simples e sinceras, diante da realidade não se sustentam com as próprias forças,

precisam de súplica e juramento.

Não somente a linguagem é de fundo alegórico. Alegóricas são as figuras: Abílio, o forasteiro; Rosália, a mulher; Jerônimo, o bom gigante; Gemar Quinto, o leproso; Terto, o solitário da floresta; Canuto, o oleiro; o velho Natanael, o homem sem egoísmo. No fundo da cena, movem-se os cavalos bravos, serpeia a estrada infinita, sopra o vento desesperado, fende o canal de lodo, ergue-se a montanha longínqua, intransponível. E são personagens que saem desse plano alegórico, Or-

landina, Mano e a mulher do velho Natanael, que rasgam o único hiato na textura psicológica do romance: as cenas e descrições na plantação de cacau, quando em foco essas três figuras, carecem de profundidade, são raras, elementares e mesmo primárias. A apresentação dos caracteres é feita à escolar, e não compreendo como Adonias Filho deixou passar sem corte um trecho dessa inexpressividade. Por isso o livro não termina com a força com que começara, e não fossem as páginas finais, haveria uma fatal quebra de unidade estilística.

PENSAMENTOS DE MAURICE DRUON

Num mundo em que todo mundo está só, é natural que cada qual tenha tendência para se considerar um ser de exceção.

Um homem nunca dá inteira medida de si mesmo senão com aqueles que o julgam capazes.

A consciência é um tribunal que cassa muito depressa as sentenças.

Na satisfação de realizar grandes coisas para o bem dos seus semelhantes há sempre a satisfação de ser aquele que realizou.

Nunca somos completamente um adulto para nós mesmos.

A maior parte das palestras não são senão monólogos gemeos, em que cada um conta a si mesmo histórias sobre si mesmo e que ele já conhece.

"Presos a um ritmo de bichos-de-sonho
Olhares intransitáveis fecham o espaço
Até que meus desesperos inventem uma língua de turpí-lóquio"...

Outra coisa que parece perseguir o poeta de vez em quando é o meu gosto. Estes versos, confusos em excesso quanto ao conteúdo, servirão de exemplo:

"Assonâncias envolvem minha cama
Numa gaze de espasmo espumesciente e me profeta
(Punhal lunático) ao espantado
Do meu sonho, tórre inclinada para o invisível".

Entretanto, quando escapa ao mau gosto de versos como este que se segue:

"Minha voz é um passaro empalhado"

ou como estes outros:

"Do instantâneo labirinto de mundos acidos
(Aranha de solstícios e lamentos)".

cal fatalmente no explicativo e no prosaico, para tanto bastando lembrar exemplos encontrados nos poemas, 7, 8 e 17 onde topamos com versos assim:

"(Depois da Bomba a surdez maior)
O poeta dissolve as palavras na saliva
E arma e desarma novas colchas de aleijão do-deserto".

Ora, para terminar, falaremos dos neologismos que perseguem Milton de Lima Souza. Falaremos igualmente do uso que ele faz constantemente da palavra rara, do vocábulo rebuscado. Falaremos da insistência com que o poeta emprega certas palavras como "sotoposto", "intacto", "inefável", "palpitante", "palpação". Falaremos dos versos colocados entre parênteses — versos que quase sempre fogem ao "espírito" que anima o poema em sua totalidade.

No entanto, apesar de todos esses senões, "Caos Intacto" é um livro digno de ser lido, uma vez que o seu autor, em tantos poemas, demonstra possuir uma consciência da cultura do poeta verdadeiro. Se fomos exigentes com ele, é porque achamos Milton de Lima Souza um artista sério e de muito talento. E somos muito mais exigentes quando colocados frente a frente com um artista sério e de talento como o é o autor de "Caos Intacto".

Abre-se, em "Memórias de Lázaro", um caminho de longas discussões. Ainda nos chama um livro construído, onde os sentimentos e os fatos se reduzem e perdem a influência que exercem na vida comum. Um livro que projeta uma visão da existência que recusamos e nem sequer procuramos compreender. O que nos parece irreal, parece-nos inferior. Em nossa interminável série de pequenas frustrações e de pequenas conquistas, falta-nos a perspectiva para analisar nosso semelhante. Estamos colados uns aos outros, como ostras. E no momento em que recebemos o impacto, no momento em que nossa angústia não se equaciona em palavras, no momento em que o drama de um homem não nos toca porque não é o nosso drama, sentimo-nos inclinados a optar pela artificialidade desse drama, pela inconsistência dessas palavras.

Numa literatura de narradores e de aneddotistas, o livro de Adonias Filho não pode esperar numerosa companhia. Nem pode agradar no sentido em que agradam as epopéias caboclas e as crônicas da Rua do Matacavalos.

A ORIGINALIDADE DO "OEDIPE" DE ANDRÉ GIDE

JOAQUIM RIBEIRO

GIDE, tentado pelo fascínio da literatura teatral, não poderia esquecer o mais trágico e, ao mesmo tempo, o mais humano de todos os poemas dramáticos. Tinha, naturalmente, de se inspirar no velho e sagrado texto de Sófocles.

O Oedipo é, sem dúvida, a mais bela fonte da dor humana. Nenhuma outra tragédia nos causa tanto horror, como a que Sófocles escreveu, sobre a lenda dos Labdácidas. Dois crimes inconscientes se aglutinam, o PARRICÍDIO e o INCESTO, para dar maior realce ao desespero da vítima de tão cruenta fatalidade.

André Gide, talvez tenha se deixado tentar pelo tema, mais por "catharsis" de seus recalques íntimos do que propriamente pela aventura da criação literária. Essa probabilidade encontra apoio no fato de ter dado o grande escritor francês

expressiva ênfase à tese da expiação.

Ora, é aí que reside a fundamental diferença entre o Oedipo grego e o gídiano.

A obra de Gide, quase toda, reflete essa intenção interior de remorso, de arrependimento, de amor ao castigo e da apologia das atitudes expiatórias.

O sentido do pecado impulsiona a maior parte de suas letras. E há sempre o pretexto para o arrependimento, para a expiação e para o remorso inevitável que transparece através da rígida visão da realidade.

Há nele, apesar de todas as

confissões e apesar de todos os atritos com as fraquezas humanas, uma espécie de puritanismo permanente.

Nenhum outro escritor francês dos últimos tempos revelou tão profundos antagonismos interiores.

Gide, sem ser um enigma, foi, sobretudo, uma equação complexa, nem sempre perceptível ao observador superficial. Raramente surgem, no alto nível da inteligência criadora, personalidades como as do autor de "Les Caves du Vatican". Nele havia o pecador e o arrependido, o rebelde e o humilde, o

íronico e o crente, o rígido e o complacente, o emocional e o abulico.

É claro que todo esse mistério psíquico se projeta em sua literatura.

Foi justamente devido a esse antagonismo que Gide transmitiu ao seu EDIPE expressiva originalidade.

Gide introduziu na tragédia a idéia da EXPIAÇÃO CRISTA.

Quem o diz é Robert Kemp, e revela incisiva compreensão da experiência gídiana.

Tais são as suas palavras: "La vraie nouveauté, je crois, c'est l'introduction dans les

discours de Tiresias de l'idée chrétienne de penitence, de rachat par le repentir et l'humilité; solution repoussée par l'orgueil d'Oedipe, qui prétend être à la fois son juge et son bourreau et choisit pour lui le supplice des yeux arrachés et des longues ténèbres. Il substitue sa justice à la justice divine. Il est luciférien. Un sens neuf est en effet donné au geste antique, à l'hybris, à la démesure".

Ai está a originalidade do "Oedipe" de André Gide.

Não resta dúvida que deu um novo impulso criador à temática helênica e, ao mesmo tempo, traiu, mais uma vez, uma das notas mais singulares da sua personalidade.

No fundo, na voz de Tiresias está a ressonância do puro e distante cristão que sempre existiu, perene e cristalino, no recesso da personalidade gídiana.

AS DUAS FACES DA VIDA E DA ARTE DE HEINE

G. BIANQUIS

HENRICH Heine, filho de negociantes judeus, foi dotado pela natureza do próprio gênio do lirismo. Aos poucos e com grande dificuldade, dada a resistência que encontrava por parte dos seus, conseguiu afastar-se do mundo do comércio para emergir na vida literária. Desde suas primeiras produções percebeu-se, porém, o eco de Goethe, de Byron e do romantismo; sente-se que a alma nova mais moderna, mais agormentada, encontrara uma linguagem nova para exprimir-se. As quatro partes do "Buch der Lieder" seguem uma marcha ascendente. Os "Junge Leiden" são poemas de forma popular, ainda bem discretos no seu romantismo macabro; o "Liedes Intermezzo" irradia as cores frescas do Volkslied, mas a forma popular é tratada com um gosto, uma brevidade, uma sutileza que são de um grande artista; é a transcrição poética das decepções sentimentais do autor, e o ciclo do amor perdido e desesperado, mas um amor e um desespero tão jovens, tão primavera num cenário de flores anãs, de rouxinóis e de pombo, que tudo, mesmo os quadros, mesmo os momentos e a revolta, mesmo os sonhos decoradores e as resoluções futuras são acompanhados de uma graça, uma graça reservada, facilmente irônica, desforra espiritual da inteligência vista e ousada sobre um coração muito sensível e credulo. Esse contraste do coração que ama e que sofre e do espírito que enxada e que julga, constitui a substância da ironia de Heine, o sabor indelevel dos seus versos.

O "Heimkehr" é mais rica, mais complexa que o "Intermezzo", mais precisa nos seus quadros, mais variada nos tons, com mais alegria e, ao mesmo tempo, mais amargor, do alvoroço viajante misturado com os enternecimentos sonhadores, um "persiflage" leve, entrelaçado com os mais religiosos elás do coração. A forma é a mesma da do "Intermezzo", o quarteto de Heine, simples, melodioso, alado, sem eloquência, sabendo sugerir muita emoção em poucas palavras.

Mas o duplo ciclo do mar do Norte é de uma música muito diferente, ampla, sonora, magestosa como o bramir do oceano. Heine renova os metros livres de que só Goethe e Hölderlin tinham usado eficazmente, antes dele. Em lugar de um pequeno romance lírico, como o "Intermezzo", pinta numa série de afrescos marítimos, a história de sua cura moral. O mar furioso ou pacífico, rugindo sob o céu negro ou sorrindo ao sol, lhe ensinaram a encarar as penas do coração e as dificuldades da vida sob uma luz nova e mais filosófica. O homem torna-se pequeno diante dos grandes espetáculos da natureza, os deuses marítimos surgem das vagas, ligando-se às suas pretensões insensatas;

mas seu coração poderoso pode bater ao próprio ritmo dos ventos e das vagas, e pouco importa, então, a traição de uma criança sem consequência.

Outras vezes, o poeta não reluta em pintar algum idílio marítimo e rústico na palhoça de um pescador ou numa taverna de Bremen. Varias dessas peças e algumas da "Heimkehr" figuram, muito naturalmente, entre os "quadros de viagem" ("Reisebilder") que Heine publicou na mesma época: narrativa humo-

ristica e fantasista de suas peregrinações de estudante, no Harz, nas costas e nas ilhas do mar do Norte e no norte da Itália. Não se havia, ainda, escrito, na Alemanha, uma prosa com essa vivacidade e essa impertinência, que arranha, de passagem, as autoridades constituídas e as opiniões recebidas. Esboça em largos traços a imagem caricatural do burguês, do estudante alemão, do aristocrata, do oficial, mas sabe, com oportunidade, encontrar acentos de entusiasmo,

quando se trata de glorificar a Revolução Francesa e os altos feitos de Napoleão.

XXX

A segunda parte da vida de Heine pertence à França. Desiludido, por não encontrar na Alemanha nenhum emprego para sua atividade, veio ele, logo depois da Revolução de julho, fixar-se em Paris, onde permaneceu até à morte. Preocupado em desempenhar um

Anotações para um estudo...

(Conclusão da 2.ª pag.)

ra e a apatia dos temas de Faulkner, o "sense of humour" popular de Caldwell, os quadros poéticos da autora de "The Garden Party", a "nudité" de Sartre, o realismo mágico do novelista de "A Metamorphose", os instantes quase sempre tristes de Tchekov, ou as surpresas de Maupassant, como fontes de inspiração dos nossos jovens escritores. Características que nos permitem dizer que o novo conto brasileiro, seguindo a tradição dos que se agrupam na família machadiana, no Machado da segunda fase, foge a essa limitação do "plot" de cunho localista, com seu excesso de descritivo, para experimentar-se na criação dos dramas que existem independentemente de lugar, dramas de personagens apátridas que teriam como concidadãos, pela afinidade de seus sofrimentos ou alegrias, esses habitantes de um mundo sem nome, sem fronteiras, universal tão somente. É claro que quando dizemos conto de sentido universal, dele não excluímos os traços que o situam numa determinada região, apenas queremos dizer que esses caracteres devem estar num plano inferior à intensidade psicológica do episódio, ter tão pouca importância que deles não se ressinta a estrutura psico-somática do drama, como no magnífico exemplo de um "Judas, o Obscuro", em que o vale Wessex se avulta não pela sua configuração topográfica, mas porque ali se desenrola a história de Judas e Sue.

Exemplos dessa tendência dos novos contistas, em que se revela a preferência pelos problemas e acidentes quotidianos, antes de tudo examinados em sua natureza psicológica, encontramos à leitura da "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil", organizada pela "Revista Brasileira", ou em livros de autores nela agrupa-

dos, e também em trabalhos de novos que não puderam ser incluídos na coletânea. Ai sentimos, na maioria dos casos, como força motora dos contos, a preocupação do humano, do caso homem; uma preocupação no aprofundar o conhecimento dos conflitos, dos encontros e desencontros, o que parece indicar a presença de homens menos dissociados da vida e da realidade. Nisto diferem os novos dos autores antigos, que procuravam de preferência o ambiente, a terra, o meio físico, que se perdiam em pintar a paisagem. Querem estudar o homem desligado do espaço — diz Bráulio do Nascimento (1) — substituem o homem regional pelo homem universal, tentam a análise do homem em si, colocado no cenário de suas paixões e reações, longe da natureza.

E de tal modo o fazem, que nas mais das vezes não situam o conto em parte alguma, seus personagens ficam como que no ar, sem ponto de apoio, existem como fantasmas que não estão em lugar algum e estão em todo lugar, o que mostra a que ponto vai o desejo dos novos de fugir do regional, como se nesta ausência de localização do drama estivesse a universalidade, e ela não fosse menos o "exterior" que o "interior", menos a moldura que o próprio quadro. Dos trinta e seis autores reunidos na "Antologia", apenas três dão aos seus contos uma localização geográfica.

Tanto o enredo, a sequência de fatos que se sucedem formando uma história, cujo desenvolvimento progride paralelamente à intenção de manter em suspenso o interesse do leitor, como o "instante diáfano", o momento psicológico, o estado de alma que é a essência de um novo matiz de conto, tanto um como outro, se encontram bem representados nos

jovens ficcionistas de hoje. Não só a técnica tcheckoviana, e sobretudo mansfieldiana, mas também a técnica da narrativa comum, de princípio, meio e fim, ambas as técnicas têm sido usadas em igualdade de condições, podemos dizer assim, e se equiparam em importância no novo conto brasileiro. Representantes de quaisquer destas correntes encontramos na "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil", sob o signo de um dos escritores mencionados, ou de outros como Pirandello, Inácio Silveira, Hoffman, Poe, etc. Nomes: Almeida Fischer, Breno Accioly, Cláudio Tavares Barbosa, Constantino Paleólogo, Gastão de Holanda, José Carlos Cavalcanti Borges, Lygia Fagundes Teles, Leonardo Arroio, Moreira Campos, Murilo Rubião, Xavier Placer e outros que não figuram no volume, tais como Alina Paim, Dalton Trevisan, Raymundo Souza Dantas e Ricardo Ramos.

Há, também, os que, não se integrando propriamente no grupo dos chamados escritores regionais — um José Lins do Régio, um Jorge Amado, um Amado Fontes, um José Américo de Almeida, um Herberto Sales, ou um Graciliano Ramos, da primeira fase — que surgiram em nossa literatura num movimento paralelo ao dos modernistas, e com os quais apresentam certas afinidades, há os que, de certo modo superando as limitações fatais na eclosão de quase toda corrente literária ou estética, sentem ainda maior sedução pelos temas da terra e das tradições, embora o elemento psicológico venha ao lado dela com uma importância que evidentemente não dispunha para aqueles escritores mencionados. São eles: Domingos Félix de Souza, Eduardo Campos, Francisco Brasileiro, José Ferreira Gonçalves e Vasconcelos Maia.

Assim, os dois grandes poemas satíricos "Deutschland" e "Atta Troll" são: um, a narrativa humorística de uma viagem à Alemanha dos pequenos príncipes e da burocracia; outro, a sátira poética da ma poesia, sob a forma de uma viagem aos Pirineus e as aventuras de Atta Troll, o urso sábio e pesado, nacionalista e mau poeta.

Os poemas do último período são os frutos da vida intelectual intensa de um doente, de um martir, que agonizou oito anos, vítima de terrível moléstia da espinha. Parece que a imaginação do poeta super-excitada pela febre, a insonia, o delírio, produzia, com uma abundância nova, visões e cantos. O "Romancelro" é uma recolta de baladas, algumas trágicas, outras irônicas, quase todas glorificando os vencidos da vida, os "fim de rapa", os perseguidos, os massacrados. O colorido é ofuscante, faustoso, oriental ou exótico, com frequência, os motivos cruéis. Mas Heine, que foi o mestre da balada curta, se entrega, nesta última fase, a uma loquacidade quase sem freios, a um deboche de cor extraordinário. Depois, nos derradeiros poemas, não canta mais senão o martírio físico, sua vida perdida, o arrependimento e os remorsos; retorna, parece, ao Deus da infância, ao seu povo judeu, que ele nunca deixou de amar, e a um pessimismo semelhante ao do Ecclesiastes.

Assim, do despertar primavera até as vascas da agonia, sua inspiração jamais estancou. Disse ele, sem se cansar, do entusiasmo e do ceticismo, entre os quais se repartiu sua alma dilacerando-se. Disse desse tormento perpetuo com uma sinceridade cada vez maior, com uma variedade admirável de melos, nas melodias mais sedutoras que a língua alemã já conheceu.

APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO SOBRE O TEATRO BRASILEIRO

CARLOS DAVID

TUDO o que diz respeito ao teatro, ultimamente, nos apaixona. Pouco a pouco ele se vai tornando o centro de preocupação de intelectuais, de artistas, de simples amadores, que andavam dele desgarrados e alheios, e agora, graças à atividade, entre outras coisas, de um homem como Paschoal Carlos Magno, participa deste incontestável renascimento, refletido na literatura, nas artes plásticas, na música, após a revolução modernista de 1922. O teatro é algo de vital na história de um povo, pois nele se reflete de modo mais universal o espírito de uma época. Além de ser o nosso espelho, um espelho que pode revelar também a nossa imagem interior, o teatro carrega um fermento capaz de desabrochar em nós esta misteriosa flor que é a alma. Sempre acompanha a marcha de um povo, e sabemos que na menor aldeia, no lugarejo mais afastado, onde não penetram estas heróicas companhias teatrais que excursionam pela província, — há sempre criaturas que em determinadas ocasiões, sejam crianças, seja gente grande, assumem o papel de atores, em festas populares, para divertir ou comover a vila. Qual de nós não teve uma vez um papel por pequenino que fosse, de moleque, de pagem ou de mosqueteiro, numa festa escolar de fim de ano, numa festa de caridade ou numa festa de roça?

O teatro, no Brasil, nasceu à sombra da Igreja, como foi assim que floresceu, na Idade Média, e o seu iniciador, o padre José de Anchieta, autor de mistérios que ele mesmo ensalava e fazia representar, pelos índios. Teatro de caráter

educativo, ou melhor, catequizante, teatro de tese, como diríamos hoje, aliá às suas intenções um valor estético, que faz destes autos não só o primeiro marco da nossa literatura dramática, mas também uma das suas raras joias, conforme se propõe mostrar uma ilustre escritora de São Paulo. Se voltarmos os olhos para o nosso passado, não encontraremos um elenco considerável de autores dramáticos, e Martins Pena é uma das poucas exceções. O mesmo não acontece com a vizinha república da Argentina, onde, pela voz do seu mais abalizado historiador, "o teatro tem sido sempre um gênero de excepcional importância", tanto assim que a sua bibliografia chega a ser mais abundante que a do romance e da poesia (Vd. Ricardo Rojas, *História de la literatura argentina*, 8.º vol., Editorial Losada, Buenos Aires, 1948). Mas se não contamos com dramatas de primeira água, cuja obra não ultrapassou as representações da época, isto é, não resistiu à duração através do livro, verificaremos, em compensação, que os nossos mais distintos poe-

tas, romancistas e contistas, excursionaram quase todos pelo teatro, deixando passar também neste, numa produção esporádica, o melhor de si próprios. A regra era mesmo que todo o escritor que se prezasse tivesse a sua pecinha impressa, embora, muitas vezes, não chegasse a ser representada. Portugal, França e Espanha exportavam o suficiente para entreter um público ávido de emoções à flor-da-pele, o qual, com incrível versatilidade, passava, numa mesma noite, do mais tremendo drama-lhão à mais leve, graciosa ou estapafúrdia comédia. Acrescente-se a isto o fato de os escritores nacionais, que se dedicavam particularmente ao teatro e logravam ver os seus dramas ou as suas farsas subirem à cena, quase nada ou pouco tinham de original, limitando-se a macaquear o teatro estrangeiro, nos seus chistes ou nos seus lances de lacrimoso efeito. Daí o esquecimento em que estão os pioneiros do teatro, no Brasil, cujos nomes mal conseguiram sobreviver e serem catalogados. Do teatro estrangeiro, por sua vez, não era o melhor aquilo que se re-

presentava em nossos palcos. Para não irmos longe, basta recuar aos fins do século passado, e encontraremos nas crônicas teatrais do jovem Machado de Assis, referências a autores portugueses, franceses e espanhóis, cuja identidade hoje é um quebra-cabeça, e, no entanto, constituíam os teatralogos eminentes do tempo, pelo menos, eram os que faziam as delícias ou as lágrimas das seletas platéias dos teatros São Pedro e Gynnasio. Só com o correr dos anos e à medida que fomos nos libertando espiritualmente de Portugal, a verdadeira independência veio muito depois de 1822, — surgiu uma literatura dramática mais digna deste nome. Ela não é tão escassa quanto se supõe. Soube-o disso o sr. Léo Kirschenbaum, quando tomou a si a parte referente ao teatro, no *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* (Gráfica Editora Souza, Rio, 1949). Diz-nos ele: "Cerca de quinhentos dramas foram publicados no Brasil, no século dezoito, e, aproximadamente duzentos e cinquenta até agora, neste século". Apurar, des-

ta cifra, quantitativamente apreciável, o que for de boa qualidade, torna-se uma tarefa custosa, dado que o acesso às fontes, como verificou o referido autor, é difícil, havendo ainda o caso de peças que se conservam em manuscritos. Ao crítico, que não seja historiador, caberá se orientar, várias vezes, pelo juízo alheio, admitindo apenas que este possa sofrer contestação.

No entanto, de todo este acervo dramático compilado, nem só a produção de Martins Pena salva-se. Verdade que ele, com Joaquim Manuel de Macedo, são os nossos mais característicos homens de teatro, do passado. França Junior, Aquiles Varejão, Ernesto Cibrão, Pinheiro Guimarães, comediógrafos que só uma revisão de valores excepcionalmente poderá ressuscitar, e destes, apenas o primeiro parece-nos digno de figurar ao lado de Macedo e Martins Pena. Os que realmente contribuíram para o nosso teatro, elevando-o à categoria literária, não eram, propriamente, homens de teatro, como os últimos; e seu talento teve melhor e cabal emprego no romance, na poesia, e mesmo na política, o que não impediu que deixassem peças de mérito, embora poucas retratem a nossa gente e os nossos costumes. São eles, entre outros, Gonçalves de Magalhães, por alguns considerado como o verdadeiro iniciador do teatro brasileiro (*Antônio José e Ogiato*), Porto Alegre, Gonçalves Dias, Alencar, Machado de Assis, Arthur Azevedo e Alves de Azevedo.

Com este, perdemos, talvez, o poeta que estava destinado a ser a nossa tragédia, por excelência, cujo talento dramático esboçou em *Macário*.

(Conclusão da 5.ª página)

[até nós foram fielmente transmitidos ...]

Esse rumor oceânico do whitmaniano versículo, veiculando o vasto rumor do mundo, ressoou-me até aos ossos. O canto cosmopolita e total do que, no entanto, era o cantor da raça nova talvez não seja tão lucidamente compreendido e sentido nos dias presentes como ao tempo de antes das guerras grandes. O mundo que conheci ainda na primeira década do século, e que era o mundo amado por Whitman, em verdade era infinitamente amável. As ameaças do conflito imenso rondavam (todos os jornalistas escreviam sobre a futura conflagração europeia), mas ainda os vários povos se apresentavam em plena fulguração de felicidade e prestígio, vivendo uns em face dos outros sua originalidade profunda e disputando com força igual a simpatia do universo. Para os meninos de pouco antes de 1914, França, Inglaterra, Itália, Rússia, Alemanha, e os países dos Balkans, e os povos escandinavos, e o Japão, e a China, e ainda os Estados Unidos, eram puramente focos de sabedoria e de beleza, cada um com sua irradiação particular, mas concorrendo, em conjunto, para o luminoso sentido do mundo. Era o rumor desse mundo que Whitman escutava surpreso para não retransmitir na música de seu canto cheio de mar e vento.

As zonas de minha alma atingidas fundamente pela voz de Tagore, Verhaeren e Whitman não eram as únicas de meu território secreto. Havia outras zonas ainda. Uma delas, a da incoercível melancolia. E aí foi que em mim ressoou a cantiga de Verlaine. "Chanson d'Automne", "Ariette", "Mon rêve familier", — ficaram cantando dentro de meu destino. Expressiam meu sentimento de solidão quando eu era moço, exprimem meu sentimento de so-

lidão na hora tardia em que vou. Não que eu ficasse abandonado pelo Amor. Mas porque, por mais vivo que venha o amor, a incoercível melancolia persiste. No fundo, pura saudade de Deus.

"Il pleure dans mon coeur ..."

Do nobre Antero bebi até a última gota a angústia metafísica. Ainda aí, saudade de Deus, não já sob a forma da melancolia verlainiana, mas sob a forma de sede insaciável de perfeição, de inocência, de eterna e pura beleza.

O soneto célebre entre todos, que termina com o terceto imortal:

"Conheci a beleza que não morre,
[re,
E assentado entre as formas
[incompletas
Para sempre fiquei pálido e
[triste ..."]

Tal soneto, sobretudo nesse terceto final, ficou significando para mim toda uma "summa" de experiência poética, no sentido mais profundo que comporta a expressão. Assentado entre as formas incompletas: não está nestas poucas palavras toda a tragédia do espírito? Essas "formas incompletas", de Antero, são de conteúdo mais amargo, exprimem dor, insatisfação, tristeza mais transcendentes do que as pobres s o m b r a s das realidades eternas que eram, para Platão, as coisas deste mundo. O Mestre grego tinha em mente apenas a ordem metafísica, ao passo que o Poeta luso exprimia, com tais palavras, não uma visão abstrata, mas a substância mesma de sua angústia de viver.

É claro que não foi apenas o soneto aludido que me prendeu na obra de Antero. A obra de Antero é um mar, com solidões terríveis, mas também com altos ventos purificantes. O sopro de universalidade que nela passa rompe-lhe a estrita

Meus Poetas

significação de queixa de um indivíduo. Muitas fundas correntes desaguarão nesse mar, vindas por vezes de cumiadas, e conjugando o movimento de suas vagas com a pulsação das estrelas

No Brasil, minhas grandes paixões foram Cruz e Sousa, Emiliano Pernetta e um terceiro poeta cujo nome sou forçado a calar.

Cruz e Sousa, pela perfeita transfiguração, que sua poesia opera, do mais carnal, humano, humilde sofrimento em pura heroicidade e idealidade, isto por instrumento de um verbo ultrapotente.

Também de Cruz amo a obra inteira, mas dele o que sobretudo me ficou foi um soneto essencial: o "Sorriso interior", que aqui transcrevo por teimosia:

"O ser que é ser e que jamais
[vacila
Nas guerras imortais entra sem
[su sto,
Leva consigo este braço au-
[susto,
Do grande amor, da grande fé
[tranquilla.

Os abismos carnis da triste
[argila
Ele os vence sem ânsias e sem
[custo.

Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor os-
[cilla.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe esta gloria em frente
[à natureza,
Esse esplendor, todo esse largo
[estúvio.

O ser que é ser transforma tudo
[em flores,
E para ironizar as próprias dor-
[res
Canta por entre as águas do
[Dilúvio!"]

Nesses quatorze versos é o próprio sangue do grande Grego que pulsa, com a sua hu-

milhação e o seu orgulho: o soneto é a estátua de Cruz e Sousa, modelada em barro vivo por mãos rodinianas. Contemple-se esse gigante ferido e exausto, mas que ainda se ergue sobranceiro para lançar ao mundo um desafio extremo, com a figura de Vencido de Antero "assentado entre as formas incompletas".

Emiliano, o que me deu foi a alegria de sentir melhor a beleza do mundo.

A poesia de Emiliano em parte grande provém da dos simbolistas de França, — o que aliás acontece com a poesia de quase todos os poetas do Ocidente, de há meio século para hoje. Mas provém, sobretudo, do esplendor de juventude, do alto frescor de mundo amanhente, das terras do Paraná. Foi a isto que por engano se chamou o "paganismo" de Emiliano; o voluptuoso amor às formas, às águas, aos céus, aos ventos, às árvores, às mulheres, — que no planalto paranaense são uma recriação recente:

"Ah, toda madrugada é o co-
[meço do mundo!"]

Daquele terceiro, inominado poeta, ainda corre no meu sangue, entre outros frêmitos de amargura indizível, esta queixa:

"Ah, não houvesse nesta leva
a sombra de uma vaga recom-
[pe n sa,
a vida rolaria numa treva
estranhamente imensa ..."

A última das vozes de poeta a repercutir fundamente nos subterrâneos do meu ser foi a de Gertrud von Le Fort. A cantora dos "Hinos à Igreja" (que tive a audácia de trasladar para o português) conduziu-me, quando já eu vinha longe na minha caminhada, a uma ebbriedade de beleza que, então, supunho impossível em mim. Aliás, só pude alcançar-lhe a magnitude

do canto quando me encontrei totalmente embebido de fé católica. Mais do que os poemas de Claudel, ou de Francis Thompson, ou de Correia de Oliveira, ou de Louis le Cardonnel, ou de Francis James, os de Gertrud von Le Fort vivem do puro amor à realidade do Cristo e da sua Igreja. Sem uma profunda fé católica, alimentada perenemente na prática da doutrina e no convívio eucarístico, e na oração, ninguém poderá perceber a pulsação nuclear de poesia nova, descobridora, diferente que a poetisa germânica pôe, por assim dizer, em cada simples vocábulo desse canto.

Não estou estabelecendo uma tábua de valores. Sei bem que há muitos poetas no mundo que a crítica universal põe acima de todos os que citei. Eu mesmo claramente percebo que um Alighieri, um Camões, um Klopstock pertencem a esfera mais alta. Não ignoro o que valem um Rimbaud, um Rilke, por exemplo, que os moços de hoje descobriram maravilhosamente, mas dos quais muito antes deles eu havia tratado em ensaios cheios de fervor admirativo. Também não será a mim que virão ensinar a significação de um Mallarmé, de um Baudelaire, de um Moreas, de um Rodenbach, de um Stephan Géorge, de um Cesario, de um Nobre, de um Fernando Pessoa, de um D'Annunzio, — para citar uns poucos poetas de nosso tempo, — ou de um Li-Tai-Te, de um Hafiz, de um Omar Kayam, para falar de cantores de outras eras.

O que estou é falando dos "meus poetas". Daqueles que, repito, se fizeram substância de minha sensibilidade, de meu sofrimento, de meu destino. Dos que se fizeram vida, em mim. Vida, não arte. De maneira nenhuma tenho a pretensão de que em meus pobres poemas algo ressoe com os imortais acentos de Tagore, Verhaeren, Whitman, Verlaine, Antero, Cruz, Emiliano, Gertrud ...



PANORAMA LITERÁRIO



Sergio Milliet partiu para a Europa



De passagem para a Europa, esteve no Rio alguns dias o escritor Sergio Milliet, nosso ilustre colaborador. O autor do "Diário Crítico" embarcou terça-feira última com destino a Paris de onde irá a Veneza e a Roma, em missão oficial do governo de São Paulo tratar de assuntos concernentes à parte cultural e artística das comemorações do 4.º Centenário da undação da capital bandeirante. Devido a essa viagem, Sergio Milliet, ciente no seu regresso, dentro de um mês e meio, poderá proferir a conferência sobre o modernismo, para a qual foi convidado por José Simeão Leal, em nome do ministro da Educação.

Candidatos ao Prêmio Nobel

Mais dois candidatos ao Prêmio Nobel de Literatura acabam de apresentar-se: o grego Nico Karantakis e o belga Charles Pilsnier. Fala-se também nos nomes de Benedetto Croce e Conrado Alvaro.

"Ausonia" de março-abril

O número de "Ausonia", revista italiana de literatura e arte, dirigida por Luigi Fiorentino, correspondente ao bimestre março-abril, publica, entre outras, colaborações de G. Titta Rosa, Giorgio Vigolo, Stephen Spender, Michele Frisco, Emilio Scampini, Nereo Vianello, Ante Cettineo, Adriano Guerrini, Bruno Maler, Enzo Di Poppe, Luigi Fiorentino, Ugo N. Palanza, Marino Cravegna, etc.. Em tradução de Luigi Fiorentino, publica poemas de três poetas brasileiros: Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

"Recife", de Evaldo Cabral de Melo

Em lançamento de "Região", aparecerá brevemente o ensaio "Recife", introdução ao estudo das suas cores e das suas formas, de autoria de um sociólogo de 16 anos, Evaldo Cabral de Melo. O volume trará prefácio de Gilberto Freyre.

"Temário" n.º 4

Está circulando o 4.º número de "Temário", revista de literatura e arte dirigida por Miécio Tatil.

Concurso de literatura infantil

Estarão abertas até 31 do corrente mês, na Divisão de Propaganda do SAPS, à Praça da Bandeira, as inscrições ao "Prêmio SAPS de Literatura Infantil" de 1952. Os concorrentes deverão apresentar original e três cópias de seu trabalho, que deverá ser uma história infantil, inédita, sobre assunto alimentar. A Comissão Julgadora será integrada pelos escritores Anibal Machado, Rubem Braga e José Geraldo Vieira, e o nutrólogo Francisco Figueiredo e o diretor da Divisão de Propaganda do SAPS.

João Ribeiro e a diplomacia

De uma carta de João Ribeiro a Joaquim Nabuco, datada de 10 de dezembro de 1900, extraímos o seguinte trecho: "Para a diplomacia creio que não servirá nunca; para uma comissão de pouco tempo e modesta possa ainda servir. E creio que será este o caso".

"Imagens da Cidade", de Xavier Placer



Xavier Placer, o romancista da "Escolha", acaba de publicar um novo livro, "Imagens da Cidade", intitulado-se o volume, com bela apresentação gráfica, reunindo crônicas impressionistas e poéticas sobre o Rio de Janeiro. A nossa grande capital sem tido muito poucos intérpretes. Lembraríamos um livro de Ribeiro Couto, "A cidade do vício e da graça", publicado há quase trinta anos. Pois o livro de Xavier Placer é, mais ou menos nesse gênero, uma série de perspectivas da paisagem carioca fixadas pela sensibilidade artística de um legítimo escritor.

PROGRAMA LITERÁRIO NA RÁDIO ROQUETE PINTO

Dentro de alguns dias será criado um programa literário na Rádio Roquete Pinto. Este empreendimento faz parte do plano de realizações do escritor Fernando Fude de Souza, que à frente dessa emissora está dando o melhor de sua longa e competente experiência em assuntos de rádio. Os dias desse programa serão anunciados oportunamente.

"O inimigo do mundo"

Já se encontra no prelo "O inimigo do mundo", nova coletânea de poemas de Domingos Carvalho da Silva. O autor de "Praia oculta" está escrevendo longo ensaio sobre a moderna poesia brasileira.

LIVROS E CORRESPONDÊNCIA — Toda correspondência destinada a "Letras e Artes" deve ser endereçada a Almeida Fischer — Redação de "A MANHÃ", Rua Sacadura Ca-

Aquilino Ribeiro vai ser homenageado

Aquilino Ribeiro, que se encontra atualmente em Petrópolis, desce, com frequência, à cidade, costumando fazer ponto na livraria "Livros de Portugal", à rua Gonçalves Dias. Ali se encontra ele, quase sempre, com Vitorino Nemésio, que também faz ponto no mesmo local. O autor de "Via Sinuosa" deve pronunciar breve uma conferência nesta capital, sob o tema "Portugal e Três-os-Montes", e lhe está sendo preparada uma homenagem por uma comissão, à frente da qual se encontram, entre outros, Murilo Mendes, Otávio Tarquínio de Sousa, Manoel Bandeira, Jaime Cortezão. Essa homenagem consistirá de um almoço que deverá ser presidido pelo sr. João Neves da Fontoura, ministro do Exterior.

Curso de Expansão Cultural em Florianópolis

Por iniciativa de figuras expressivas dos círculos intelectuais catarinenses, à cuja frente se encontra o contra-almirante Carlos da Silveira Carneiro, será instalado, nos próximos dias, o Curso de Expansão Cultural. Estão sendo convidados nomes ligados aos meios literários do país, bem como outros de alta projeção na vida nacional. As primeiras conferências, a realizar-se no fim deste mês, serão pronunciadas pelo sr. Lucas Nogueira Garcez, Governador de São Paulo, e o sr. Osvaldo Aranha, que já se manifestaram sobre os temas que irão focalizar

Cinquentenário de Zola

Será comemorado este ano o cinquentenário de falecimento de Emile Zola, cujo corpo se encontra no Panteão, ao lado dos de Voltaire, Victor Hugo e Rousseau. Em setembro de 1902 faleceu em Paris, vitimado por uma intoxicação de gás, o famoso autor de "Teresa Raquin".

Biblioteca Infantil

Tradição de duas gerações a Biblioteca Infantil das Edições Melhoramentos está sendo apresentada em novo formato ilustrado. Apareceram outras tiragens dos volumes 5 e 67: "Os cisnes selvagens", de Andersen, versão brasileira de Arnaldo de Oliveira Barreto, e "Histórias do pai João", do folclore afro-brasileiro, adaptação de Renato Seneca Fleury, que acaba de publicar "Ruy Barbosa" para a juventude.

Novo livro de Celso Brant

Em edição da revista mineira "Acafaca", vem de ser publicado novo livro de Celso Brant, destinado à infância, intitulado "Fábulas do Tio Mário". O volume reúne várias histórias muito ao gosto dos leitores infanto-juvenis.

Livros para a criança

Novos volumes (n.ºs. 68, 72 e 77) publicam as Edições Melhoramentos de sua Biblioteca Infantil, escritos pelo prof. Renato Seneca Fleury: "No reino dos bichos", "O Passaro de ouro" e "O rei cego". Formato moderno e muitas ilustrações.

"Os Sertões" em alemão

Friedrich Geisendorfer foi um tenente do Exército Imperial austro-húngaro que veio para o Brasil depois da primeira guerra mundial e radicou-se na cidade de São Paulo. Morreu em 1950, com 54 anos. Aqui aprendeu o português e se interessou pela literatura brasileira. Entusiasmou-se pelo "Os Sertões" e durante dois anos trabalhou na sua tradução para a língua alemã, concluindo-a antes da sua morte. D. Anna Geisendorfer, fundadora da Embaixada da Austría, no Brasil, sua viúva, deseja entregar os originais da tradução ao governo brasileiro, para divulgação. Grande homenagem prestaria o Governo no 50.º aniversário de lançamento de "Os Sertões", fazendo capalhar pelo mundo as páginas imortais de Euclides, na língua de Schiller e de Goethe.

Próximas publicações

Carlos Fontes, um dos nossos comentaristas históricos mais conscienciosos, vai publicar um livro de ensaios que será prefaciado por Hermes Lima.

Ledo Ivo entregou para os "Cadernos Cultura" o seu ensaio sobre Mário de Andrade, cuja publicação fará parte das comemorações da Semana de Arte Moderna, promovidas pelo Serviço de Divulgação do Ministério da Educação.

Por todo o mês de junho próximo deverá aparecer o 1.º volume do "Dicionário Filosófico", de Orris Soares, obra que está sendo de há muito aguardada

José Condé contemplado com o "Fábio Prado"



O "Prêmio Fábio Prado", destinado a conto e teatro e referente ao ano passado, coube ao escritor José Condé, autor do livro "Histórias da Cidade Morta" que, quando publicado, obteve inteiro sucesso, sendo um dos livros mais comentados pela crítica brasileira.

O pronunciamento anteriormente obtido pelo volume, em críticas, reafirma a justiça do "Prêmio Fábio Prado", que é uma das mais ambicionadas laureas intelectuais brasileiras. José Condé vai receber 25 mil cruzeiros pelo prêmio que conquistou. "Histórias da Cidade Morta" é o ponto mais alto da carreira de José Condé como ficcionista, contendo o seu livro vários contos que o incluem entre nossos melhores autores.

Livro para crianças

"O melhor lugar do mundo", história fartamente ilustrada, dum gato e dum cão, é de autoria de Ethel M. Rice e pertence à coleção de livros infantis publicada pelas Edições Melhoramentos.

Yllen Kerr, prêmio de viagem à Europa

O Museu de Arte Moderna do Rio, que apresentou recentemente ao público carioca os trabalhos premiados na 1.ª Bienal de Arte Moderna realizada em São Paulo, organizou uma mostra de arte moderna brasileira, reunindo trabalhos dos nossos principais artistas plásticos. A fim de incentivar os autores jovens, as firmas Elétrica Buidora Studebaker e Panair instituíram um prêmio de viagem à Europa, que vem de ser conquistado pelo gravador Yllen Kerr, colaborador de "Letras e Artes" e um dos mais legítimos valores da moderna gravura brasileira. A Comissão Julgadora desse prêmio esteve constituída por Mário Pedrosa, Flávio de Aquino, Mário Barata, Santa Rosa e Antonio Bento, que decidiu, por maioria, atribuir o primeiro prêmio concedido pelo Museu ao jovem gravador.

Gasparino Damata em Pernambuco

Em viagem de recreio, encontra-se em Recife o romancista Gasparino Damata, autor de "Queda em Ascensão". O jovem escritor pernambucano trabalha presentemente em novo romance, que deverá aparecer no próximo ano.

Concursos literários e artísticos no 4.º Centenário de S. Paulo

A Comissão do 4.º Centenário da Cidade de São Paulo acaba de anunciar que estão abertas as inscrições para os concursos culturais com que será comemorada a grande data. Esses concursos serão os seguintes: literário, abrangendo romance, conto, poesia e ensaio (Prêmio José de Anchieta); peças de teatro (Prêmio Martins Pena); estudos sobre a história de São Paulo (Prêmio Manoel da Nóbrega); peça sinfônica (Prêmio Carlos Gomes).

Francisco de Castro

De autoria de Ivollno de Vasconcellos, acaba de aparecer, em bem apresentada edição, o livro "Francisco de Castro", obra laureada pela Academia Brasileira de Letras. Trata-se de interessante e bem escrita biografia do grande médico patricio, elaborada com carinho por outro médico.

Um ensaio sobre Alencar



Nos Cadernos Cultura, dirigido por José Simeão Leal, acaba de aparecer o interessantíssimo ensaio de Gilberto Freyre sobre José de Alencar, trabalho esse que constitui, aliás, a conferência pronunciada pelo sociólogo brasileiro no auditório do Ministério da Educação, no ano passado. Com agudeza, Gilberto Freyre consegue fazer muitas observações novas a respeito da obra e da personalidade de Alencar, encarando-as, sobretudo, do ponto de vista sociológico

"SENHORA MENINA"

Augusto Costa é, sem dúvida, um dos grandes romancistas da literatura portuguesa de nossos dias. Seus livros, entre os quais se contam peças teatrais, contos, novelas e romances, têm alcançado o maior êxito de crítica e de livraria em Portugal, como, por exemplo, "As Inocentes" e "Aldeia Rica". Agora, Augusto Costa vem de publicar, em edição da Parceria Antonio M. Pereira, novo e interessante romance, intitulado "Senhora Menina", que, por certo, obterá o mesmo sucesso de seus livros anteriores.

PARA O CURSO COMERCIAL BÁSICO

As Edições Melhoramentos apresentam, de M. G. Gicovate, "Geografia Comercial", destinada às três séries do curso comercial básico. Grande número de gravuras elucidativas ilustra o útil e interessante livro.

CORREIO DE PARIS

CENTENÁRIO DE ELEMIR BOURGES

Foi comemorado em março último o centenário do nascimento de Elemir Bourges, escritor que pertenceu à Academia Goucourt e nunca conquistou grande público, embora sempre tivesse alguns admiradores entusiastas. O livro mais conhecido de Elemir Bourges é um romance intitulado "Crepuscule des Dieux".

THIERRY MAULNIER DEFENDE-SE

Em artigo no "Figaro Littéraire", Thierry Maulnier se dirige aos católicos que atacaram sua peça, procurando justificar-se aos olhos destes.

UM DICCIONARIO DE OBRAS

Robert Laffont está trabalhando na organização de um monumental "Dictionnaire des Oeuvres", à semelhança do que existe em italiano, da autoria de Bompiani, porém mais com-

pleto. O primeiro volume já deverá aparecer no decorrer deste mês, sendo a obra completa em quatro volumes.

O ÚLTIMO ROMANCE DE MAURIAC

Acaba de aparecer o último romance de François Mauriac, intitulado "Caligari". Mais uma vez é um conflito de consciência que o autor aborda em páginas dramáticas e do melhor estilo, nas quais alguns críticos já reconheceram algumas silhuetas tipicamente "mauriciennes".

OS CRITICOS LITERARIOS DIRIGEM-SE AOS EDITORES

Os críticos literários franceses acabam de dirigir aos editores um memorial, pedindo-lhes para evitar o congestionamento de lançamento de livros no período de setembro a novembro, pois isso lhes prejudica muito o exercício da crítica, não lhes dando tempo de ler em tão curto período tantas obras.

Letras e Artes

DOMINGO, 11 DE MAIO DE 1952

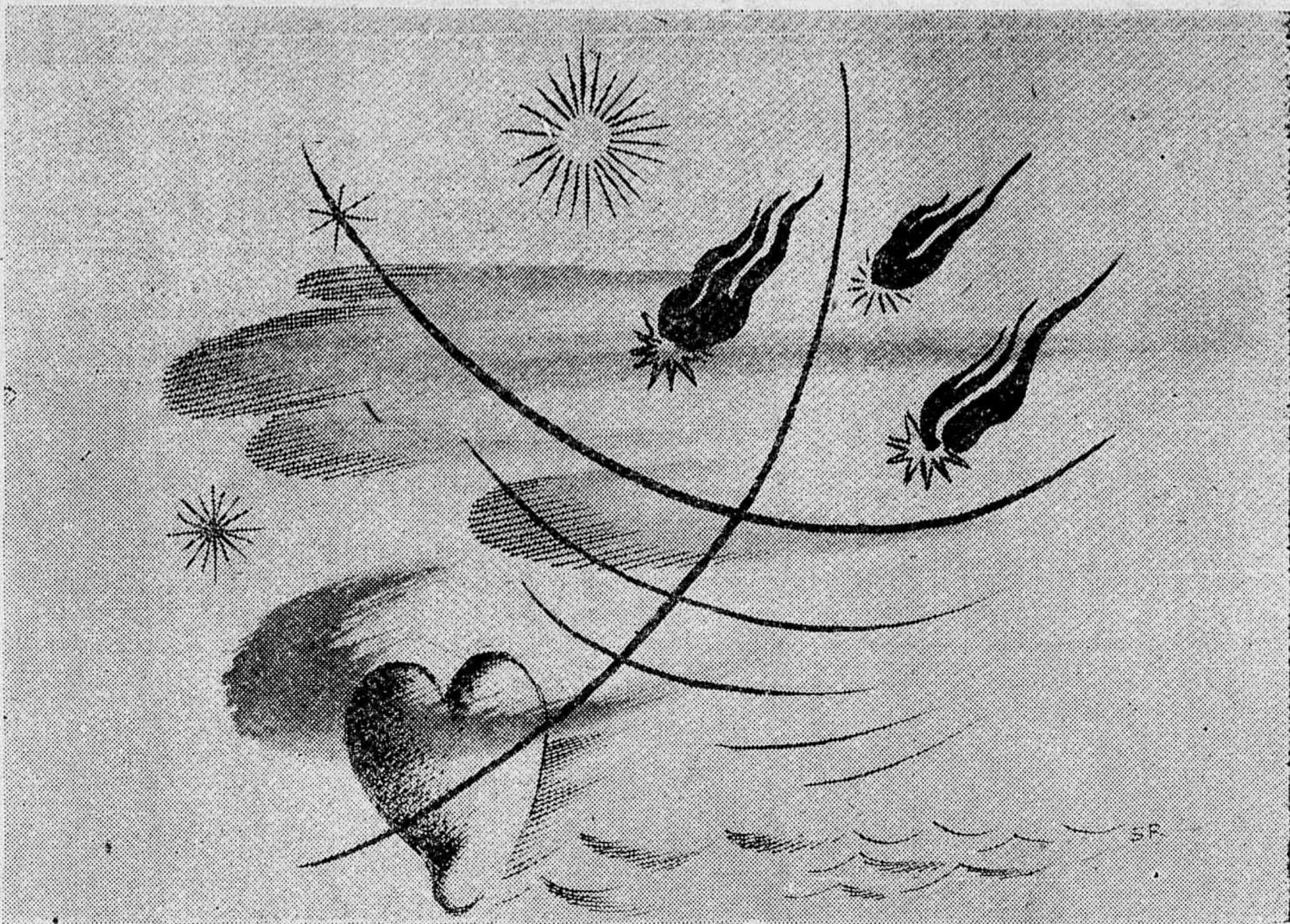


Ilustração de SANTA ROSA

A P E L O

ESTRELAS FULGURANTES QUE RISCAM VELOZES O ESPAÇO
VENHAM DERRAMAR SUAS LUZES
SÔBRE OS MEUS OLHOS CEGOS E BAÇOS.
NASCENTES VIRGENS QUE SINUOSAMENTE EMPAPAM A TERRA
CORRAM TAMBÉM SÔBRE O MEU CANSADO TRONCO,
MOLHEM MEUS PÉS, SUBAM PELAS MINHAS EXAUSTAS PERNAS.
VENTOS SUAVES QUE VÊM VARRENDO O EXTENSO FIRMAMENTO
REFRESQUEM A MINHA TESTA SUA DA DE AGONIA
E AMANSEM O MEU ESTERTORANTE PENSAMENTO
OCEANOS E MARES DISTANTES
QUE DIVIDEM COM O RITMO DAS ONDAS
O DOMÍNIO DA LUA E DOS ASTROS RADIANTES
COLOQUEM NESTE COMPASSO O MEU PERTURBADO CORAÇÃO,
OU LEVEM-ME NAS SUAS ÁGUAS PARA MASSAS MAIS PROFUNDAS
ONDE SÓ MORAM MISTÉRIOS E A GRANDE ESCURIDÃO.
TRANSFORMEM O MEU CORPO EM ALGA OU COISA BEM MENOR
PROCUREM ME UTILIZAR DENTRO DA CRIAÇÃO
PARA VER SE ASSIM EU ME ENCONTRO
NO PRINCÍPIO DE ALGUMA RAZÃO...

ADALGISA NERY